

A CONFUSÃO

SILVA CARVALHO

DESERTO DISERTO

FORA DA LEI

PORÉTICA EDITORA

Let me remind you that I am only an experimenter. Do not set the least value on what I do, or the least discredit on what I do, - as if I pretended to settle anything as true or false. I unsettle all things: no facts to me are sacred, none profane. I simply experiment, - an endless Seeker, with no Past at my back!

Ralph Waldo Emerson

A CONFUSÃO

SILVA CARVALHO

DESERTO DISERTO

FORA DA LEI

PORÉTICA EDITORA

LIVRO I

DESERTO DISERTO

PRIMEIRA PARTE

I

Como por milagre,
poderosa e ágil surge a palavra,
um grito negro na placidez
do branco que a folha sugere:
alguém escreve este alguém,
este limite insultuoso,
este lugar:
sou eu.

Saído do silêncio
porque a chama irrequieta
torcia os nervos do quotidiano,
porque a vida é uma comichão
na pele da consciência.

Escravo escrevo a liberdade
de estar aqui,
juntando paulatinas palavras
portadoras de um sentido
feito de indícios e de sombra.

A alegria estéril.
O mundo velho.
O homem perdido.
A dor esfoliada.

21/3/77

II

Julgo-me mais perto da terra.
Terno sigilo, se escrevo batalhas
é porque sofro o quotidiano
nas suas manifestações estéreis.

A noite aparece: a cama espera.
Estremeço: digo: tenho medo.
Sei avidamente que sou um homem
percorrido pela história
dita contemporânea:
um mistério.

Os nervos acariciam-me os olhos,
vejo lugubrementemente a luz
real de um candeeiro inocente,
sei o que temo:
loucura é a hora,
o seu brilho tempestuoso,
o seu calor animal.

Cicio-me: tenho medo.
Terrível!
Não só a visão do caos na cabeça,
mas o olhar aflito
cercado de trevas.

III

Nas praças desertas do mundo
espero o fim.
Sem olhos, o crime cometido.
Sem destino.
Nas praças desertas das cidades
espreito o sinal que não vem.
Chama-se futuro, o meu sonho.

Um outro universo.
Fraterno.
Mas nas praças desertas da vida
apodreço como uma flor
depois do viço da estação.

Que fazer?
Penso. Fingir que vivo?
Chamar a isto vida?
Mas as praças estão desertas,
e não há vida sem amor.
Nem amor sem pessoas.

Nas praças desertas do mundo
mudo fico à espera
do brilho
que eclipsará a solidão.

IV

Receoso do pior mal,
a loucura,
fujo por entre palavras
à dispersão no âmago do meu ser.

Solto certas lágrimas
que descem sobre o terreno
da última paixão.

A pergunta que me dilacera
os lábios
irrompe como uma tensão:
que faço aqui?

A terra onde vivo,
planeta e estadia do homem,
a sociedade onde tive pais,
onde me eduquei,
a classe que me impregnou
de miséria e de absoluto.

Por isso fujo.
Reconheço o lugar da palavra
na reconquista de um outro lugar:
aí, serei feliz,
aí, rodeado de homens livres,
poderei dizer que amei.

V

Há sempre dois momentos.
O do sonho, irrealizável por essência,
o da prática da escrita,
defeituoso pela ausência.

Entre esses dois sinais
navego,
periclitantemente perdendo o tempo,
apto para o logro,
mas incapaz de alcançar o génio.

Já não leio.
A loucura não me permite
vislumbrar as distâncias,
tudo coexiste e é essencial,
tudo me chama num simulacro
de um apelo.

Eu rodo.
À deriva.
Nau levada pelos ventos
que sopram
como carícias sãs na pele jovem:
a escrita é este desgaste:
o encontro inadequado
com o mistério da presença.

VI

Ponho toda a minha vida
neste percalço que escrevo.
Sinto o peso das palavras
como leves chamas que me queimam.
Mas ninguém sabe quanto me dói
dizer a insuficiência,
ou a incompletude.

Por isso deposito na folha isenta
estes borrões de uma alma,
na esperança ridícula de me salvar,
pois a loucura existe.

Mas nada de essencial revelo.
Nem o grito é grito.
A minha vida...
Geografia do desespero
num velho continente deserto.
A minha vida...
Trivial maneira de se fazer poesia.

Quem sou desconheço.
Sem metafísica.
Comecei e sei que acabarei.
Não é a morte que me mete medo.
Nem talvez a solidão.
Há outra coisa.

VII

E quando o silêncio desce sobre a noite
surpreendo-me a dizer versos
longamente gastos
pela erosão dos tempos carnavais.

A casa vive porque quero.
Mas não respira como eu.
Sofre um outro ritmo
que humanamente não é dito:
abrigo-me nela e não choro.

Sinto que algo se passa.
Estou fisicamente só.
Quero dizer,
vivi outros lugares algures
e vim parar a este sítio.

Mas as palavras que ajudam
não ajudam.
Cobertas de sentidos explodem
e perdem a concisão do mito.

Falo-te da vida.
Dos segredos mais tersos
e profundos enraizados
nas trevas da consciência.
Ctónico rio de apelos.
E quando o silêncio sobe na noite
acho-me a dizer outras palavras
que a língua não conhece:
são outros os poemas.

22/3/77

VIII

Meu é este quotidiano sem aventura.
Num ocidente moribundo
asfixio a ausência do sonho.
Só realmente conta
a tecnologia da miséria programada,
mas não as aspirações dos homens.

Esses sofrem as fronteiras,
os limites,
as fraquezas de que nascem.
Esses labutam o suor espúrio
na esperança de uma mesa com pão,
com o vinho
que esquece a dor
e a frustração.

Meu é este real imundo:
uma sociedade dividida no provável
pobre e rico,
uma ideologia que se engana
enganando os olhares indefesos.

Escrevo o ódio à morte
que nos vive no dia e na noite,
com esta raiva
que também é minha,
e procuro no sossego do papel
a luz de um futuro permanente.

IX

Agora que as palavras dos outros
dizem cada vez mais o nada multímido
em livros abertos como a inexistência,
e concretos como objectos
que o tempo vomita, mas não inventa,
sinto-me mais só,
perdido talvez nesta loucura
que procura
a todo o custo atingir o âmago
do real,
a plenitude total de tudo, de todos.

Sei que sou um homem.
Vivi todos estes anos para chegar
aqui,
a este simulacro de poema
onde a confusão e a dor
têm os papéis preponderantes.
Sei que vivo no meio de outros
homens,
mas ignoro o significado
ou o sentido da minha existência.

Não sou feliz.
Mas sou sincero quando digo
que preciso de um outro mundo
para brotar como um homem
e realizar o meu sonho:
viver livre o amor de todos.

X

Conheço já a resistência da matéria
nas palavras que uso
quando escrevo estranhos objectos
que transparecem espírito
e luta.

Sinto que algo está para ser dito,
mas não atinjo a perfeição
entre a vontade
e a sua realização:
a meio do caminho tropeço
e sou arrastado pelas palavras
que se atraem como forças inóspitas,
deixando-me exausto e alegre
como depois de uma fornicção.

Não venci.
Nunca talvez conseguirei ser
a concordância total
entre o querer e o fazer.
Restam nas folhas maculadas
os testemunhos áridos da tentativa:
estes versos carcomidos pelo desejo,
estas palavras prenhes
onde aquilo que sou busca
um refúgio, uma confirmação.

XI

Sinuosos declives adiante.
Dizem que o futuro é escuro.
Que para alcançá-lo
é preciso primeiro morrer.
Dizem também que o homem espera.

Quero ir mais longe.
Dizer quem sou.
Onde estou.

Nem sequer é uma arte.
Vivo carnalmente a odisseia
de todos os povos escravos da hora.
Não me perguntem como.
Mas a minha dor existe,
manifestação de um mal-estar,
de uma situação impossível
que se arrasta.

A loucura que me aflige
está mais próxima do capital
que milhares de livros explicativos
do mecanismo do coração cansado
e da exploração.
Em mim é esta parte de mim
que se rebela contra a injustiça:
as minhas vísceras, vida espiritual.

XII

Incompreensível esta súbita alegria.
Explosão da carne no espírito.
Um raio difuso de sensações esporádicas.
Dispersão surtindo lágrimas azedas.

Rui numa confusão de poeiras
quem tenho sido.
Esqueço que nasci e fui parido
para viver agora
este simulacro nívoo do fim.

A vida dos outros é outra.
Ei-los que passam
debaixo desta janela mítica,
desconheço-os.
Macaqueiam os gestos humanos
do hábito cristalizado,
ignoro se são felizes.

Sei que sou infeliz.
Perco as palavras redentoras
para subsumir o caos linguístico
de poemas que se revoltam
contra o sentido.

Incompreensível esta tristeza.
Vario como o vento.
Sou o que não sou.
Mudo e retorno à partida,
sucessivamente clivado pelos humores
que surgem como vozes
de um destino impossível.

23/3/77

XIII

Ignorante de todo o saber real
vivo os dias como determinantes
da minha paixão,
soçobrando na esquina deserta,
tropeçando frente ao mistério
que é haver homens
e no meio eu.

As mulheres estão cada vez mais longe.
Com elas a outra vida.
Desaprendo a sexualidade
como um velho impotente
que nunca soube falar o gesto
de uma nítida comunicação.

Desgasto o meu século
com silêncio.
Mas gozo como um louco
esta escrita que avança
cheia de percalços e de alçapões,
jogo sincero e sereno
onde a disputa é uma tentativa.

Grito que estou vivo.
O cheiro das fezes e do mijo
insinua-se malevolente
nas narinas que catalogam
a presença do homem sobre a terra.

XIV

Quem ler com atenção certos poemas
que escalonam este livro,
deixará completamente de o ler
para passar a outra postura,
a da loucura que permanece
como um fruto demasiado maduro
da minha estadia sobre o desespero.

Amo contudo a outra lógica.
A falsa coordenação sintáctica
de um real mitificado
pela ciência e pelo saber:
escora onde a ilusão frutifica
para preencher o vazio
no silêncio desfigurado e pleno
de todas as coisas.

Quem souber ler atentamente o poema
vislumbrará nele a face
do homem que sou.
A verdade é humana.
Tem raízes de dor e medo
no peito dos desgraçados
que vogam à deriva neste mar
metafórico que é a vida.

Daí a distância que me separa
dos cantores coetâneos
a quem a sociedade
chama poetas.

XV

Sulfuroso sulco sibilino
no árduo deserto do descontentamento:
grito a raiva amordaçada
que emerge da escravidão moderna:
digo a tristeza de destinos falhados
na mediocridade de sociedades
podres como frutos teimosos
que se enforcam nas árvores
do futuro.

O passo que não foi dado.
A espera.
E entretanto os dias e anos
que passam como velozes vozes
de uma velhice que espreita.

A mítica pergunta:
Que tenho feito?

Se ao menos pudesse responder
com um acto ou um gesto,
se ao menos tivesse a coragem
de dizer que vivi dentro de mim
o fora que a maldição nos oferece!

Sim, que tenho feito?
E tu, leitor, que tens feito?

XVI

Com um infinito amor alinhavo estas frases
que obscurecem de sentidos
a brancura álgida da folha expectante:
não sei o que escrevo,
mas sei que me invento
em cada dificuldade que surge
e me obriga a uma paragem amena.

Estremeço de um gozo tal
que só superficiais sinais
conseguem aventurar-se ao clímax
de um texto aquém.

Escrever ser é tarefa impossível.
Contento-me com os círculos
que se estreitam
sem acabarem contudo no ponto.
Aí reside a fonte,
a luz irradiante de vozes
que dizem as peripécias do destino.

Só a pobreza se aproxima da verdade.
Uma frase despida de revérberos.
Uma palavra inocente.
Um cicio lento.
Um oco.

Estou tão próximo que me queimo.
Ir mais longe, ir mais longe,
diz-me a sofreguidão da loucura,
mas a que preço?

XVII

Saí de casa esta manhã
com o sentido perdido na ilusão
de encontrar num livro ou numa pessoa
a explicação cabal do que me aflige.

Regressei a casa ainda mais só
e miserável,
os livros todos desertos,
as pessoas intocáveis e podres.

Talvez tudo seja mentira,
digo.
Talvez não sinta o que sinto,
nem talvez a dor seja possível.

Talvez invente a infelicidade,
proponho.

Digo:
abre os olhos e vê.
Que vês tu?
Homens que passam nas vidas que passam,
leis que desfiguram as sociedades,
ruínas de outras épocas,
injustiças gritantes,
ódios e imagens do amor.

Por que não sou toda a gente?
Por que tenho e sou este corpo
que me abre a distância?
Porquê a indiferença?

Ah! tudo tão longe!

XVIII

Com o leve pressentimento de não ter
cumprido um dever.
A cabeça estrela, sol disperso.
Sim, sou eu, estou vivo.
Neste poema como em todos os outros
feito de palavras
que o novelo
dobra.

Qual a face da crise?
Quantas interrogações são hoje?
Em que civilização asfixio?
Ocidente, dizem os livros.
Que história?

Sou tempo.
Nasço e morro e no meio vivo.
Truísmos, quanto vos amo,
vos detesto!

E o sentido?
A visão do mundo?
Porquê, tantas perguntas?
Lês o moderno anfigúrico
no sono dos homens acatalépticos,
usas palavras dessacralizadas,
corres na corrupção do brilho
que possivelmente nunca existiu.

É isto o que quero?
E a vida?
Sim, que é feito da vida?

XIX

Vida.
Só de dizê-la me comovo.
Uma palavra.
Vi de ver.
Ida.

Ir ver.
O quê?
O mundo ?
Os homens?

Vida.

Traumatismos cegos nos plexos da carne,
o berro que cliva a memória do crime,
o espasmo que o corpo desfibra,
ralhos do destino nos castigos ilógicos.

Ao fundo, imundo e imerso, o verso
verídico:
palavras pálidas lavradas na lava
de um desassossego:
alma, clamam as filosofias podres
que se debruçam sobre o mundo.

Mudança, quero, eu que escrevo
no deserto as páginas húmidas
de um desejo e de um prazer.
Mulher é o sinal da água.
Aqui, seco como um espírito
do fogo, o homem vive.

XX

Digo, para que saibas, terror.
A chama que incendeia a paz.
O ávido olhar do declínio ocidental.
Digo, solene e triste, a espera.

A terra está árida.
Sementes de sangue percorrem
os sulcos lavrados pelo suor:
mas os frutos não amadurecem.

Comanda o capital.
Sobre as cabeças cansadas dos homens
que sofrem a aviltada dor.
São os construtores reais de palácios
que vivem esparsos
pelas barracas onde despejos
dizem a que século pertencemos.

A muralha, terrível constatação.
E sonho nos lugares solitários
a alegria de uma fraternidade
que seja mais que a palavra.

Assim, digo: Fogo!
Sopro faúlhas de vingança
sobre o estático intelectual
de máscaras que pretendem o futuro
com obscuros poemas mistificadores.

XXI

Silenciosamente
minto para não ser elevado
ao fulcral altar da idolatria.
Não acalento camas sensíveis
na prática das palavras
imperfeitas.

Não pretendo a abertura
ao preço humano da carnificina.
Mas procuro,
caninamente procuro
uma maneira feliz de ser homem.

Olho em volta
e leio os livros físicos dos outros.
Páginas conspurcadas de secura
como a esterilidade livresca.

Agarro-me então aos amigos mortos
que deixaram as suas ilusões
como filhos queridos
que não sabem sobreviver.

Aí encontro uma mão quente.
Um bafo de vida.
Antiquíssimo alívio do mistério.
Aí dizem que esmoreço.
Mas só eu sei onde renasço.

XXII

Em toda a parte a cumplicidade.
Fingimento.
A loucura institucionalizada.
A dispersão como sinal intelectual,
ou modernidade.

A ironia de caminhos coetâneos
não serem paralelos!
Esquecem a história.
O que é hoje
deixará de o ser.
Mas todos labutam na construção
da nossa época.

Arduamente. Mesquinhamente.
Fazem-se e estudam-se
nas escolas da inteligência,
assinam-se epopeias gastas
com sorrisos próprios do embotamento.

Dizem que sofrem.
Que vieram para revelar o ócio,
o amor, a banalidade de uma paz.
Ganham a vida com a porcária
que neles o espírito debita.
Chamam-lhe poesia.

E eu?
Onde estou eu?
Quem me contém?

XXIII

Regresso pois a mim.
Cansado de não possuir os olhos
terebrantes que transparecem
na lucidez de juízos claros.
Amargurado por não saber
ainda em que terreno
devo fincar pé.

Mas devo?
Porquê?
Ah! o equilíbrio.

Regresso maculado pela fereza da vida
no século dito vinte.
Em toda a parte vi o antagonismo,
a pura luta irrequieta,
as fezes, passagem do homem
sobre a terra propícia
ao sonho.

Vi a mediocridade da vida.
A indiferença rasgada
nas manifestações mecânicas
dos humanos.
O tédio do não se saber o que fazer.
As mãos rotas incapazes de desejos.
Os corpos mortos para o gozo.
Vi que só o regresso a mim
me traria sumo e abundância.

XXIV

Vislumbro com acuidade acerada
o nó.
Nomeio assim os males reais
que empestam
a metafísica de um real
dito e sentido
com palavras apostas a palavras
que não fecundam um sentido viável.

O caminho que me oferecem é circular.
Os conselhos que me dão
constroem-se de confusão.
A liberdade apregoada não tem sangue.
Muito menos esperma.
Chegam mesmo a falar de pureza,
da brancura, de ascensão.

Mas eu quero terra.
Estrume contendo as larvas
de miríades de vidas impossíveis,
quero o sol sobre a água fria
como uma tremulina que é paixão.

Viver.
Quero viver.
No berro e no espasmo do amor.
Nos poemas que me escrevem
quando os escrevo atulhados de dor.
Deixo aos outros a vil tarefa
da arte perene, do signo estático.
Só tenho um fito: VIVER.

XXV

Escrever é já ver na escrita
a angústia de dizer
o silêncio.
Não que eu tenda para a perfeição.
Ou para a paz.

Mas tendo.
Movimento ou voo de flecha
que corta o espaço da ilusão
e do medo, o escuro do destino
que é preenchido com eventos.

Alor alçado talvez ao impossível.
Esse grito que cavo
na raiz da voz
quando me insufla de coragem
para dizer que sofro
de outra maneira.

Há o sono,
tábua rasa da consolação.
Há a mulher,
humidade quente das vísceras
revoltadas.

Saio e entro, navego.
O mar sereno ou tempestuoso,
perdido na fusão da loucura
com a lucidez.

XXVI

Afastado do bulício e da azáfama,
no silêncio da casa longe,
reflecto.

Sobre quê?
Memórias cavalgam como estigmas
que ferem a carne,
tudo é movimento
dentro de mim,
surto e desabrochamentos,
amalgamas de uma energia
que não quer ser só força.

Mas reflecto sobre quê?
Sobre os passos que dei
nas areias desertas das cidades,
sobre os homens e as mulheres
que conheci,
sobre os sofrimentos que passei
nas épocas catalogadas da vida?

No turbilhão de luzes ideais
reflecto este nada.
Superfície lisa da ternura
que não sei dizer.
Halo de calor fraterno
que não encontra o objecto apelo.

Este terrível nada.

Aqui, no consolo de haver ainda um aqui,
reflecto a totalidade prenhe
do nascer e do morrer,
as vicissitudes do temporal,
os percalços espaciais
onde escoramos lúbricas existências.

XXVII

Zéfiros espirituais percorrem no âmago
as estradas da impossibilidade.
Loucos desejos que nascem da carne
e explodem na frustração.

Um tempo incompleto.
Uma vida desfeita em ritos
que significam apenas desordem.
Um medo tumefacto que cobre
as realizações mais contemporâneas.
A injustiça de sempre exposta
na divisão que colide com a esperança.

Há um rastilho de sombras
que ctonicamente deslizam,
ensurdecadores mecanismos
invisíveis às políticas castradoras.

Mais do que ninguém,
falo dessas lavas erodentes
que desgastam os demónios preconcebidos
da nossa tão odiada civilização.

Dizem ocidente
como se de felicidade falassem,
apregoam os monumentos fixos
deixados pelo decorrer dos tempos,
olham-se nos espelhos corruptos da falsidade
para evitarem o silêncio da fome ingente.

E quando nos palácios poucos
do moderno
batem as palmas do enterro iminente
desconhecem de que fim vão perecer.

XXVIII

Só e alegre revejo na memória
o diapasão dos acontecimentos
que me trouxeram aqui.
Já tenho uma idade
para saber distinguir o ontem
do hoje.

E no entanto.
Pouco possivelmente viajei.
Escassamente vi.
Saltei os obstáculos impróvidos
como se fosse natural havê-los.

Verdade que não sei ler.
Cada gesto, palavra do real humano,
remete para inumeráveis dizeres,
cada sinal irrompe na visão
como a ínfima parte de uma língua.

Tento contudo
descrever no vazio da página severa
de que razões vivo,
que direcções tomo,
que homens e mulheres frequento.

Indefectivelmente
vejo em cada texto um sexo.
Devo estar louco.
E na leitura de mim próprio outra coisa
relembro os orgasmos viscerais
onde pus todo o meu enlevo,
a minha preciosa disponibilidade.

Daí o ter tanta pena
daqueles que pretendem despertar no poema
o movimento que o originou:
não há orgasmos eternos!

XXIX

A tentação por vezes essencial
de me mostrar
na pobreza de palavras repletas
como filhos que querem nascer.

De dizer sim
ao puro declive do estar.
De fingir que a escrita é um mar
de braços estendidos que falam
as línguas da origem e do logro.

De calcorrear os símbolos modernos
que nos escolhem
como políticas que não sabem salvar
o homem do mundo do desespero.

De me alargar ao indefinido abjecto
de uma ideia de absoluto disfarçada
nos recantos absconsos do real.

De ser rico só nas palavras.

Mas a pobreza e a mediocridade
precisam de uma voz revoltada.
O tédio que nos oferecem
tem que ser veiculado do seu embrião
para surgir à luz com a sua face morta.
A loucura de hospitais alienados
tem que ser vista na profusão ignara
de apetites onde sucumbem os homens.

Escrevo assim versos terrestres
com o amor e o ódio
que nascem no mundo de hoje.
Mas é o amanhã que procuro avidamente.

XXX

Não sinto a angústia traumatizada
que o medo por tudo
instiga no cerne inventado
das pessoas.

Estou aqui cercado de objectos
e de humanos,
os olhos expectantes e sôfregos,
os ouvidos desmedidamente abertos,
as mãos agindo de moto próprio,
tentando captar o dizível
que transporei para o poema.

De cada vez a queda.
A ilusão.
Os restos mascavados do real
que resistiram à análise imperfeita.

Mas insisto.
Procuro o nó. O recesso. A luz.
A palavra feliz
que diz.
O ritmo capaz de ser.

Sei que não irei longe.
Mas é justamente o perto que almejo.
Este plexo próximo.
Este hálito que me inunda de alegria.
Existem homens sobre a terra.
Corpos e almas.
Sei.

De cada vez a próxima vez.
Talvez amanhã seja mais feliz.
Talvez o génio e a vontade vençam.
Talvez um dia sintonize com a verdade
na dificuldade que tanto me inebria.

SEGUNDA PARTE

I

Algures no deserto da destruição
poetas secos escreveram a fome
incapaz de buscar um sentido
ou sentidos.

Espalharam alguns livros álgidos
como o algor,
o estremeço aço
do frio que salva da morte.

Depois foram pelos caminhos da escassez
verberando o já feito,
história de uma poesia
que se repete tragicamente
de geração em geração,
como sinal espúrio de uma fatalidade.

Leio-os o coração a sangrar.
Palavras solitárias no redemoinho
insensível
de uma direcção impossível
para os passos de hoje.

Mas a destruição ficou como um mito.
Uma necessidade de romper
com a ordem superficial
dos desígnios.
Casas arruinadas pelo intenso vazio
que não conhece o brilho
de uma esperança humana.

2/4/77

II

Quantas vezes a vontade atraíçoa
o alor de um verbo
rebelde!

O desejo de destruir o tumefacto
como ideia ingénua
de uma mudança radical
através das palavras.

Mas as instituições do ódio sazonado
resistem como cancros da alma,
com ou sem um discurso etiquetado,
como manifestações de um erro humano.

Lutam os poetas pela entrada
do único paraíso.
A felicidade compartilhada
pelos membros totais da humanidade.

Com árduas vibrações
e conhecendo mal as palavras
fordas de múltímodos sentidos
que desfiguram a intenção primeira.

Não raro observa-se no muro do novo
a brecha carunchosa do velho
como uma nódoa erodente
que persiste em dizer
que outrora já fora vida.
Assim se acasalam contradições possíveis.

III

Em silêncio e só medito a voz
veloz que me penetra de clamores.
Vivo estou no turbilhão anímico
que ferve tal um crime desperto.
Nos olhos o reflexo do exterior,
esta vida no quotidiano medíocre,
estes dias que passam tristemente.

Sou um homem livre no tumulto
de um século esporádico
que diz a maldição e a loucura,
sou mais um escravo da vida,
incapaz de modificar o real,
buscando no sonho a chave
para um universo mais propício.

No silêncio do mundo dormindo
escrevo a luz que as palavras
incendeiam no escuro dos destinos,
desertos são os homens contemporâneos,
vazias estão as casas impróvidas,
só um cataclismo, uma batalha,
poderão criar a esperança pobre.

Trago em mim este mim fictício
que explode como granadas vis,
as palavras tecem o tecido aflito
que testemunhará a hora de hoje,
esta desolação, este deserto ávido
da água libertadora que não cai.
Ficam de mim os estilhaços sóbrios.

IV

Como construir?
Como possivelmente levantar a alegria
da juventude sobre as ruínas
do passado esartejado ?

A primavera inconsciente
surge como um sol atarefado
sobre o rosto podre da terra,
germinam as flores da obsessão,
gritam as aves dos ares traumatizados,
ficam os homens mais velhos e gastos.

Mas o hábito da injustiça
permanece sorrateiro e ávido
nas ruelas do desespero sombrio,
todos os dias a morte capital
ceifa os filhos ignorantes do homem.

Como pois construir?
A tentação é grande de queimar
o corpo e a alma
para dar nascimento ao futuro,
mas em que climas, em que camas?

Dormem cansados os escravos que somos.
Pão, pedimos nos interstícios
da memória,
a vida exige carnificina e carne,
mas só a desilusão brilha
como um desgosto imaculado.
Como pois construir sem homens?

V

Viajo através de um furacão.
Sopro as faúlhas enganadoras
da esperança que adia a felicidade.
As palavras pedem-me crimes e armas.

Difícil é vencer a monotonia
numa civilização arguta
de seráfica estupidez.
Homens como animais ruminantes
comem a perdição de vidas sáfaras.

O sonho desertou a terra.
Alguns, poucos e ávidos, clamam
a vinda do futuro redentor,
na esperança de um bem,
no delírio do desejo atraído.
Mas o sonho morreu.

Resta a secura de destinos falhados
catalogando o cataclismo vazio
de uma ordem estabelecida
no princípio da desigualdade
humana.

Pedem trabalho como solução.
Sabem ou não como e onde a vida se ganha?
Caninamente exploram os laços trágicos
que unem o cansaço ao tédio.
E eu viajo, rodeado de caos
e de apelos,
a vida sempre em frente, invicta
e intocável.

VI

Como se a harmonia fosse hoje possível
num país de cadáveres e de falsos alarmes!
Nem a poesia recobre a infinitude
de situações que apelam para o milagre.
Nem a palavra perra pode de um salto
transfigurar o medíocre mutismo
dos passos dados na irresponsabilidade.

Vejo a terra sulcada de sigilos,
ouço as vozes moribundas do século,
sinto o ardor de um desejo rebelde
mas dificilmente colmato o oco larvar.

Destrói-se o sentido enquistado
com amálgamas de estigmas,
desfaz-se o antepassado gozo
de uma existência pensada sã,
corrói-se na corrupção dos astros
as filosofias e as metafísicas vãs,
deteriora-se o ambiente com fábricas
que introduzem no homem calos.

Falam da harmonia como do estático.
De um mundo possível de entendimento
onde o sádico aperta a breve mão
ao masoquista sedento de mal:
produzem enganos na ficção da vida.

VII

Tautologicamente inscrevo na memória
o aprendido como conquista árdua,
as visões insuportáveis do tempo insano,
as quedas dos sentidos actuais,
as luzes que percorrem avidamente
a fulgência medíocre do presente.

Desço ao martírio da pobreza:
irrealizado no imo
grito as vozes improféticas
do meu destino proscrito
na rudeza terebrante do século.

Taumaturgicamente escrevo escarros
que se transformam em esperanças alegres,
um simulacro na brevidade da vida,
um singulto de dor
quando o prazer arrefece e dói.

Subo como uma luz ao cimo
e perco nos sentidos
a loucura de uma vida corrompida
entre o desgaste e a ilusão,
a modernidade é uma ferida aberta
no corpo doente do velho ocaso
ocidental.

Mas a pergunta subsiste:
que fazer?

VIII

Chove sobre mim a irreflectida decisão
que transparece nas palavras
escritas
sobre os livros vazios
que percorrem a odisseia do ódio.

Captar o presente é uma missão ignara:
no olhar do homem nascem sonhos
que são as deturpações miraculadas
de um real abjecto
que se furta à mudança.

As álgidas análises iludem o problema:
só o sangue poderá fazer rejuvenescer
a vontade de outra coisa
no peito cansado da humanidade,
só o apego à vida trará consolo
e imaginação suficiente
para construir sobre as cinzas passadas
a cidade do futuro:
Fraternidade.

Mas chove frio e granadas metafóricas
sobre as casas injustas dos pobres
onde a dor se recolhe
e busca no fogo
o calor
da próxima etapa.

Quando o começo da viagem?

IX

Quanto mais me acho na vacuidade histórica
mais penso atingir o cerne doloroso
de uma razão desconhecida.

Vazios vagueamos pela terra do desterro,
nós, os filhos sem pais nem país,
caídos no tumulto das guerras
como astros que explodem no azul frio
do universo virgem.

Já não é a fome. Nem a sede.
Queremos ir mais longe, mais fundo
na senda do absoluto social,
desejamos criar no lodo espúrio
o brilho da cidade possível.

Chamam-lhe ordeiramente Utopia,
os nossos inimigos.
Riem balofamente e com medo
os políticos medíocres das nossas praças,
incapazes do sonho,
afeitos ao melancólico mericismo
da estagnação.

Mas avançamos,
imperceptivelmente avançamos,
silenciosos e quentes como o corpo
sobre o corpo florido que se abre,
sabedores do milenário segredo,
tradutores de um desejo sepulto
na infindável confusão da carne humana.

X

Trago comigo o desejo impoluto,
o sublime desejo
de percorrer a outra terra
que se esconde na preguiça traiçoeira
daqueles que comandam os destinos
dos homens.

Trago a felicidade.
O ardor de uma vontade
mais forte e rígida que o sossego
dos campos desertos e abandonados.
Trago a palavra
que cliva a muralha de um amor
que empobreceu a humanidade ocidental.

Lê-me como uma aurora.
Um novo sol sobre uma nova era.
Lê-me no simulacro da arte breve
que desfigura os desejos mais íntimos,
as preocupações mais legítimas.
Lê-me silenciosamente no começo do dia,
ao crepúsculo raiado de vermelho,
na noite envaginada.

Trago-te uma amizade.
O grito de vida
no cansaço dos passos transformados.
Canta!

XI

Leio através dos olhos ausentes
a peste,
esta indesculpável mendicidade
erigida em holocausto
ignavo.

Sofro as palavras abertas
como raios que fendem as aritméticas
no absoluto caos do destino alado.

Transpiro fogo
e nado.
Nada me pesa mais que a luz
irradiando leveza e argúcia,
essa inteligência incapaz.

Olho.
Tábidos queixumes herméticos
deslizam como cultura
nos livros falsamente proféticos:
dizem-se poetas
os inimigos do futuro conquistado.

Mas o leitor escreve vida
na trama do quotidiano insignificante,
escreve história e testemunho
com um à-vontade próprio da ignorância.

Aqui vive
a chama perpétua,
um teu suspiro alivelo,
uma fala descoberta, um calor.

XII

Simultâneo ao desespero
renasço a alegria telúrica
que renova na superfície terrestre
a face humana do antigo sonho terso.

Uma mão quente abre-me os olhos:
vejo a aurora rodeada de adejos,
sinto a imaginação pletórica,
descubro a natureza esplenética
do destino isomorfo das civilizações.

Século vinte, dizem os calendários,
e tudo por fazer.
A paz como a última justiça,
o gozo possível do corpo próprio,
o equilíbrio
entre a natureza selvagem
e o alto espírito insubmisso.

Pensar a terra na terra.
Dizer o mundo pelo mundo.
Colher dos homens os homens.
Trazer na alegria a alegria.

Eis a futura missão.
O próximo livro escrito por todos:
esta já não nossa vida
vivida pelo que seremos.

XIII

Sibilinos suores sulcam a sábia certeza
da memória altivamente desperta:
um passado pasto do desassossego
revivido como eclosão dispersa de vozes.

Quando a noite cresce e o peito arfa
silêncios aracnídeos e harpas nobres
aufiro dos percalços que são a essência
de minutos eternizados no orgasmo.

Sólido sol o sopro salaz
sobre o corpo cárneo e feroz
da mulher que vincula o medo
ao desterro sulfuroso da idade.

As palavras ditas soltas e desditas
pela realidade terebrante do logro,
matemáticas da metamorfose máscula
no reino rigoroso da ciência suspeita.

Mas os sentidos ferem como estigmas
no simulacro do silêncio especioso,
estilhaços de céus que revolteiam
ao som icoroso de uma esperança.

Loucura o berço onde espreita morte
o olho sabido daquele que escreve
a ilusão de haver uma conquista
no árduo caminho feito de palavras.

XIV

Quando a linguagem esboroa o âmago
do dizer simples,
o verbo reflecte uma anomalia
no plexo do discurso indeciso.

Só o futuro saberá compreender
o engano presente
enganando-se
nos seus juízos efémeros.

A história não se faz.
Acontece o homem que cresce
no meio da azáfama e do crime,
cogumelo do saber explodido
em batalhas que negam a civilização.

Lembro-me claudicante
o brilho do cancro moderno
esfumando-se nas cidades perdidas
que abrigam a teimosia humana.

Não sei se chorar ou rir
diante do mistério
que me fez longe
no clímax próximo do nascimento.

Mas queimam verdades as máquinas
que a tecnologia cria
com a secreta intenção
de imitarem a imperfeição humana.

XV

Quantas vezes penso na impossibilidade
de dizer mais longe
este perto
que me sufoca:
a luz galvaniza o olhar
e desperta insentidos submersos.

No novelo revoltado
a magia acataléptica do estertor
que não se ouve:
insinua-se um deslizar contínuo
de ruídos
que fabricam a loucura actual.

Mas onde o fim?
Em que queda?

Paulatinamente
surgem do nada completo
as mensageiras do novo ciclo
disfarçadas em poemas ignaros
que desmerecem o sonho irrecuperável.

Nascemos imperfeitos.
Morreremos incompletos.

Quantas vezes deploro a humana natureza
do meu canto,
incapaz de ser o longe horizonte
que escreve no homem
a história.

Dedicado a E. M. Cioran

XVI

Nós que vivemos a indiferença,
onde comemos a loucura,
senão na própria ausência?

Não somos novos.
Escorregamos nos restos podres
dos séculos visitados,
estudamos as auroras passadas
e não pertencemos ao núcleo azul
do futuro alcance.

Derivamos cegos.
Apelamos para o raciocínio
quando pretendemos descobrir
as molas que prefiguram a história,
soçobramos nos braços pesados
da canga que o tempo distilou.

Somos os últimos primeiros.
Sem segredos nem notícias.
Abertos pela fúria da natureza
ao tirocínio periclitante do sentido.

Nós traduzimos a pobreza.
O tédio irreduzível.
Como barcos soltos na tempestade
esquecemos os portos de abrigo.

XVII

Sinceramente admito que não sei.
Tudo cresce e vigora longe
do olhar humano
que projecto na imensidão
da terra.
As palavras são talvez desertos.
As comunicações impossíveis.

Mas avidamente escrevo.
A vida.
O acontecido no quotidiano veloz
e o revivido na memória
atroz.
Escrevo esta paz intercisa
vez por outra
de terebrantes silvos selvagens,
o destino desfaz-se no logro.

Não há verdades no reino do nada.
Mas em tudo assistimos ao brilho
de uma mão pousada no efémero.
Pura luz o lodo.
A azáfama dos passos.
O simulacro de uma ideia
de inferno.

Para onde vou?
O caminho sempre indizível,
nascem as palavras ternas
que desfiguram o sopro inicial.

XVIII

Sobe a raiva
através do cansaço.
A velhice tão pouco apregoadada
infiltra-se no meu ódio ominoso.
Caruncho nos umbráticos sentidos
anquilosados pela inacção.

Tempo! Tardes de outono,
tardes de verão.
Sol.
Luz quente no sexo.
Um peixe mitológico morto.
Uma alva perpendicular
ao esboço da primeira água.
Aborto.
Ser mal nascido.
No tempo o grito.

Choro as lágrimas de sangue
da cultura moribunda.
Rio o altivo esgar do fauno
caprissaltante.

Nada disso sou eu.
Mas o enigma é a dispersão,
a voz tentacular no espelho férvido
que reflecte a totalidade de tudo
no ponto ilimite de um verbo:
ser.

XIX

A batalha brumosa das palavras.
Pálidas manifestações do tumulto
que deflagra na cerebração solitária
daqueles que só vivem para dizer.
Verbos novos como feitiços aquosos
deslizem sobre a página
até agora branca,
a génese é um espasmo fecundo
nas células da luz engravidada,
uma morte ao contrário,
uma novidade.
Desassossego diz o altivo riso
que espalha pelas palavras tamisadas
o fluxo do mistério.
Nada se ganha,
nada irrompe no campo estéril
do ontem aborrecido,
tudo contudo reluz no fulgente amor
crescido durante o exílio.
Poucos se aproximam da verdade
que escolhe poucos.
Todos mais ou menos conhecem
os limites suados da inteligência,
ninguém se apercebe do clímax do fogo
quando a descoberta é um engano.
Veloze caminhos levam os olhares
para a batalha inclemente das palavras
feiticeiras de um engodo notório,
aí, nesse lugar invejável do novo
tudo se esfarela como um começo
de caos.

XX

A poesia
não é um ganha-pão
nem uma instituição
emporcalhada pelos génios.

É este estremeço.
Este súbito medo
reflectido na palavra.
E muito mais.

Não traduz nada.
É esse nada que é
quando a palavra assim o diz,
totalidade de um olhar
fincado nas vicissitudes do real.

Não leva a nenhum sítio.
Nem é conquista nem falhanço.
Mas é a matéria de que se faz.
Fica no tempo como história.

Por isso minto quando escrevo.
Não a sinceridade do que foi,
mas a impossibilidade do que é.
A ausência é o brilho perpétuo
de uma presença inactual.

A poesia:
fazer vida,
vivê-la ao ritmo
do indecifrável.

XXI

Ígneas aves ignavas
percorrem corredores roídos
pelo tempo mito,
poemas e teoremas ateus
que buscam no silêncio lento
a verdade verde da idade de hoje.

Simpléctico sentido sentido
como uma infinitude aberta
da desperta desrazão,
olhar olvido ouvido no som
da concha sexo empobrecido.

A casa castiga o sono solaz;
outra língua desagua
como água nua
sobre a secura mitológica
do mundo.

Palavras pálidas lavram os sulcos
subtilmente dispersos da estesia,
uma comoção coerente
com o silêncio doente
do mistério intruso.

A dor existe,
malha triste do desespero
ileso que galvaniza
o homem bifurcado
entre um começo longínquo
e o fim navegante.

Mas o poema diz o pranto.

XXII

O instinto instila a dúvida:
destino é fogo.
Foco de doença
apetecida,
o sexo cediço sacudido
pelo vento.

Hora do orgasmo.
Um poço fundo de escuridão
em brasa,
a humidade humilde do corpo
interino,
útero e abrigo da vida.

Instáveis corpos sofrem a memória
medular,
gritos grassos gemidos baços
pela boca tentacular.

A mulher muralha muda:
vagido vaginal no cerne quente
do mundo.
Um desmaio marcado pelo gozo
da carne nutrida na dor,
um aperto até às raízes do impossível.

Um dentro diluído.
Uma força fulminante.
Um esboço escorregadio.

Como palavra de sangue
geradora de textos sexuais:
a gota espermática
no ritual sinuoso do brilho
que acenderá um outro ser
animal.

Não já mistério,
mas enigma:
a bolsa, o livro, o poema,
receptáculos do castigo.

XXIII

No exercício ciciado da genialidade
espalho os nós irreflectidos
que germinam.

Estranhos feitos divulgados pela emoção
trabalhada na teimosia:
um querer impessoal
alijado no tumulto tétrico do mundo.

Mas existe o simultâneo caminho.
Áleas de apelos nas vozes
vorazes que
deixam na história
uma memória flébil deste tempo.

Um coração bate os sinais
da noite
noutros sítios:
a luz resiste, muro e transparência,
aflito olhar da truculência.

Arte nova, o singulto simulacro
do discurso irrisório:
a boca abre-se no grito nefasto
que deturpa o equilíbrio
real
do silêncio nítido.

Mas existe a vontade.
O desejo de não permanecer
morto ou estático
no lugar do crime quente:
um vivido exercício.

XXIV

Ao acaso o azar,
mitológica estrela sangrenta
corroendo os laços do sentido,
medusa aracnídea conhecedora da ignorância
que empesta o lugar do homem.

Esta a última alegria.
O prazer pelágico da terra devastada
pelo irracional tirocínio
das palavras criminosas.

Liberdade,
dizem falazes vozes de agora,
a hora corrompida e murcha,
a vida no tédio que sacraliza o ócio
de um amálgama de ódio.

Idade livre,
a tua, leitor,
no instante sublime
da leitura empobrecida,
o tesouro maculado pela teoria
e os vocábulos estábulos do vazio.

Não só dor.
Dominado pelo prazer
que se escreve na página branca,
aquele que escreve acena amizade
como flores primaveris que cobrem a terra.

Um sinal.
Homem e animais
coalidos pelo sol solitário
que germina no azedo do texto celular.

XXV

Respiro a pira em fogo
do cataclismo previsto para o futuro,
corpo fechado pelos rodeios anímicos
da vacuidade expelida no século isento.

Cavo um som
na montanha mítica.
Concha da mão
no grito marinho da esperança
que não sabe onde perecer.

A vida vai e vem.
Antigo caminho trilhado
pelo ciúme dos deuses mortos
que não mais inventam os homens.

A terra é mundo.
Cansaço infinito no tumulto
de um ritmo acelerado,
hoje um parto,
amanhã o fulcro do estertor.

Dizem como agouros o amor.
Cantam-no em poemas emurchecidos
que enganam a sensibilidade podre
dos pobres leitores de hoje.

Verdade que ninguém lê.
Restam improfícuos e virgens
os livros tecnológicos
que não sabem enfrentar a crise.

XXVI

A sùmula turva do declínio.
Já ninguém pensa.
Todos vivem o razoável esgar
da mediocridade festejada.

Esquecem-se e aquecem-se no logro,
essa fogueira fugaz
que dura
no duro obscurantismo.

Lavam-se das impurezas no sangue
de inocentes esfomeados,
mandam construir castelos
no tempo atávico,
dizem-se os defensores
da liberdade.

Tudo jaz incompleto
como um incesto,
os amores como os ódios,
as alegrias como os suspiros.

Poucos ousam sair do casulo.
A luz fere.
O dia abre.
Melhor, pensam, permanecer no escuro.

Um país de buracos e vermes.
Sociedades desertas
do fogo e da água,
incapazes de um passo futuro.

XXVII

Sobre o tempestuoso declive
da vida,
a canção diz no ritmo novo
a perda e o possível porvir.

Uma clareira no hermetismo
filosofante
da era,
uma chama quente
no frio tentacular da análise
castradora.

Ninguém se entende.
A inteligência percorre salaz
os bairros ricos da cidade supletiva,
encontram-se as visões sábias
no colóquio do pó pervigil.

Mas a fome continua
a sua ronda de miséria medíocre.
A indigência bate às portas
dos detentores dos povos submissos,
mãos brancas de cadáveres
lançam os esgares esmolados.

A vida perde-se no emaranhado
contuso
da sofreguidão:
quer um sentido humano
diante das ofertas ridículas
de uma riqueza intangível.

XXVIII

Nada como a crise
para criticar o abandono
da arte ao insentido festejado.

Mascaram a impotência
com teorias,
produzem simulacros de vazio
no apogeu do delírio calculado.

Esquecem a batalha real
com jogos e lutas de papel forjado,
negam as classes
para melhor justificarem a lira.

São os novos arautos
da liberdade esquelética,
comprazem-se no ritual da chama
sem fogo,
com medo
da queimadura autêntica
que lambe a carne do desassossego.

São timoratos como a novidade.
Buscam na aprendizagem do dislate
o campo apetecível
da prática que não compromete.

Amigos do homem todos.
Carcereiros da cultura devastada
pelo cataclismo serôdio do capital,
apregoam a riqueza milenar
da palavra.

XXIX

Arde em mim esta ausência
da pungente alacridade vivida
na adolescência
fulminada pelo tédio e pelo amor.

Vigorosamente
acarreto os estilhaços do século
deixados pelos praticantes poéticos
da ilusão nova,
junto as cinzas polutas
com um ódio
que só o exílio reconhece
humano.

Vivi longe.
Desaprendi a inteligência
do verbo estrangulador,
no silêncio da solidão
sofri os engulhos estigmas
na plenitude da jovem carne.

Prometi dizer a juventude
da dor.
Regressei ao país
e em papéis infelizes percorri
a esperança maltratada
pelo progresso das artes.
Luz em mim a aurora purificadora.

XXX

Grandes são os desertos,
mas nem tudo é deserto e avaro:
a folha ainda há pouco branca
enche-se de sangue e de verbos,
da primavera que renova o universo,
da eclosão castigadora da má memória.

Sou eu que sopro o ardor
da loucura
que cura,
as faúlhas imarcescíveis
que se espalham como vagidos
de recém-nascidos em dolorosos partos.

Eu,
aquele que escreve homem
sobre as ruínas da civilização nociva,
incapaz de perecer no percalço
da história,
sabedor do persistente amor
que nutro pela vida exemplar.

Sobem os risos de mim nas pradarias,
páginas incestuosas de ritmos
ritualizados no absoluto acaso
das palavras reflectidas
como armas que abrem fogo
sobre a monstruosidade do passado.

3/4/77

TERCEIRA PARTE

I

Ansiosamente
profiro o verbo ressumptivo
que instaura na secura da era
um lugar privilegiado da comunicação.

Abro no clima nocente
a porta estreita da dificuldade,
a diáfana nodosidade da escrita
que esconde e sugere a vida
num outro planeta,
numa dimensão outra da sensibilidade.

Sobre o velho dislate,
o antigo dilema da contradição,
forjo com indecisas insinuações
um meio mais propício
para a eclosão da felicidade.

Unidos estamos nas cadeias do calor
como perpétuos deslizes
de uma certeza que ainda não vigora:
mas a carne humana vê no espírito
a manifestação maior do destino
que se revolta.

Assim
edifico na fímbria
do real
o sonho longo da humanidade:
a terra forda de exuberância
sentida no ritmo da respiração
que sacode o homem da letargia
acumulada pelos séculos de morte.

II

Pelos caminhos obumbrados da idade vou,
lobrigando no horizonte icástico
as espúrias manifestações coetâneas,
fugindo à macropsia do isolamento,
desejoso de encontrar a casa.

Nela repousarei.
Na cama silente dormirei
este horrível cansaço que embota
os nervos do cérebro
como os instintos da sensibilidade.

Com um lenço mádido
lavarei o suor do rosto maduro,
sentirei a frescura da brisa
que sopra do inefável abismo.

Buscarei o papel
e sobre a mesa pervígil,
debruçado como o olhar da paz,
escreverei as sibilinas palavras
ditadas pela experiência trabalhada.

Nada direi de essencial.
O segredo túrbido restará segredo
e as perguntas sem resposta
permanecerão como apostas
diante do multívio insentido de tudo.

Revelarei apenas o amor,
esta mão estendida do corpo
que afaga,
um suspiro sem remorsos,
uma fatalidade alimentada.

III

As perspícuas ideias são as traiçoeiras
da batalha travada com o conhecimento.
As noções persuasivas da facilidade
que clamam vingança
no tumulto fingido da descoberta.

Cada poema é uma estrada,
pervicaz desejo feito barco tenaz
na tempestuosa semelhança
com o nada.

Sentidos provectoros jazem no limiar
do novo mundo,
exinanidos pelo desgaste intruso
que durante séculos
manipulou as populações
da inteligência.

Cada palavra renascida neste lugar
é o somatório nitescente
de todas as semânticas históricas,
próvido avanço da esperança
que acredita na reclusa liberdade.

Desabrocha o animal sisudo
chamado homem
do sono onde vegetou,
a luz queima as pestanas aquáticas
que o começo prodigalizou,
o futuro simplesmente chama.

IV

Refocilo o leito mavioso do caos.
Não posso dormir.
Desperto dissimulo o medo.
Mas tinha que ser.

A vida exige confusão.
Lodo.
A dor do corpo quando dói
na esperança grave de atingir
a verdade do ser.

Rego-me com palavras.
Chove sobre o meu ódio passado
a passagem aracnídea das horas,
exulto de exuberância,
incho como a terra primaveril
que fertiliza a semente do nada.

Já estive mais perto da morte.
Agora invento o dicionário pródigo
que reterá do tumulto anímico
todos os matizes proféticos.

Abro as mãos e dou.
Minha vida matriz poética
onde saco a inspiração maternal
que me dita a matéria semântica
com que encho os livros ocasionais.

Nem sequer e génio:
mas apego visceral ao mistério
de que é feita a vida exicial.

V

Quando a noite exile
cai como um pesadelo expectante
sobre o destino que tenho combatido,
aufiro o silêncio longínquo
do desastre.

Ténue impressão cerzindo o peito
e apertando o coração
arrítmico.
Surge o terrível medo.
O suor frio sobre a pele do corpo
que arfa.

Humano destino o meu.
Sujeito ao terror exíguo
que ciciza ao ouvido truncado
as catástrofes e os sofrimentos,
os percalços futuros,
a cegueira inexorável do premeditado.

Então saio de mim
para reconstruir em mim a base
do sossego e da pacacidade,
em vão recorro à memória inútil
que veloz percorre a distância
do engano.

Não grito o medo.
Aberto como um olhar sedento
sinto no segundo isento
a história completa do meu fado.

VI

A melíflua voz uníloqua da mulher ígnea
diz na carícia ustulada
que compreendo as exigências puras
da truculência vaginal.

Diz e cicia o húmido ardor
da matriz,
os olhos presos no horizonte utópico
da sexualidade liberta,
as mãos percorrendo o corpo
com espasmos de ligeiro engodo.

Enche-me de bulício
o barco mitológico expectante,
nos lábios rosados deposito o beijo
que sabe a sal.

Freneticamente
apodera-se do meu pénis rubicundo
e num gesto profético
e húmido
introdu-lo no húmus quente das entranhas.

Fecha os olhos e respira
cada segundo traduzido pelo vaivém
que corta e fricciona
como uma melodia estranha.
Depois explode na descoordenação
arrítmica,
o peito arfante libertando ais
que se evolvam no sossego da casa.

VII

O poema é uma estrela estrangeira
na medula do universo,
vive de brilhos e de sustos,
sístoles linguísticas
capazes de imitarem a vida outra.

Diz o tumulto da época
assim como o silêncio seguro
de uma paz vazia de significados.
Repete os grandes cataclismos anímicos
e sugere nas entrelinhas da carne
o alcance social dos povos.

É uma longínqua chave,
um quadro preto na escola útil,
um espelho animalmente desperto
que sopra as contradições vivas
do tempo.

Permanece no livro
como um buraco que dá para o saber,
basta paulatinamente percorrê-lo
com os sentidos vigilantes
e com a inteligência humilde.

Lê-lo é desflorar
a dispersão de sentidos núbios,
colher nas palavras livres
o pólen de uma sabedoria sem idade.

VIII

Digo com raiva
o ameno deslizar do tempo,
as vicissitudes traumatizadas
do quotidiano,
os passos desfeitos no pó da terra,
os apelos desavindos,
a profunda mediocridade da ignorância.

Rápido como a luz
este sortilégio sem família,
viver a inocência no mundo
povoado de crimes e de festas,
homem no corpo e no espírito,
sonho maior de um futuro
limpo das torpezas.

A voz precípua e precípita
diz os enganos e as relações,
treme como uma demência turva
diante do diapasão temporal.

Mas insubmisso e pobre
digo o destino falhado dos homens,
repito incansavelmente os rituais
do medo ignaro,
traduzo com amor
a túrbida truculência do logro
que prende o homem escravo
à canga do suor espúrio.

IX

Quem lê,
não ignora o crime de hoje.
Esta espera transparente
pelo acontecimento
que só o futuro descobrirá.

Revolução não é um nome.
Mais funda que o desejo
vive sepulta na carne isenta
dos homens escravos.

Poucos o sabem.
Outros tentam com discursos podres
desviá-la da história,
apelam para a amizade dos contrários
e mostram nos dentes ridentes
a velhice de uma concepção
do homem.

Outros cantam-na com ardor,
em canções ferozes como armas,
o peito aberto às intempéries,
sabedores dos furtivos punhais
que esperam nas políticas do cimo.

Mas não morre o que vai nascer.
A luta é já a vitória certa,
a luta é a própria vida
escolhendo o clima do desabrochar.

X

Falo conscientemente da energia.
Da força.
Do olhar límpido que confunde as auroras.
Da vontade em construir a história.

Não escondo a dificuldade.
Não oblitero o engodo ancestral
dos corruptores da liberdade.

Digo que avançar é vencer.
Cada dia que passa fica como a pedra
que se junta à pedra
do edifício almejado.

Quanto tempo ainda
suportando a ignomínia
de um mundo que não é o nosso?
Quantas noites e dias
percorridos pela vergonha
de não sermos o absoluto alcance
do sonho que palpita na vontade?

Preparo em livros amigos
a atmosfera de festa e alegria
que iniciará a conquista projectada.
Atiro palavras quentes
sobre as cabeças revolucionárias
para que nelas sejam incorporadas.

4/4/77

XI

Canto a irrazoável alegria
toldada pelo esgar da crise.
O puro sinal que alivia a dor
demasiado plena de uma visão.
O simulacro de uma vitória.
Agora um sim, depois um não.

Canto a pedra da construção futura
submersa no meu peito ardente,
os olhos ancestrais do contentamento
quando contemplam a extensão
da catástrofe.
Canto o enérgico grito da revolta
ctónica que devasta o século,
o suor dos escravos
no caminho da emancipação.

Canto com palavras imprevistas
a música do tédio que mortalha,
a vontade de florescer na intumescência
dum vulcão.
Canto a hora que passa,
fugidia realidade do desassossego,
o pranto daquele que escreve
vida no destino inglório do falhanço.

Canto a encruzilhada arfante
das civilizações gastas,
o esperma que fecunda o desastre,
canto a possibilidade do poema.

XII

Sobre o enevoado adejar da imaginação
já escrevi.

Endosso agora a responsabilidade
da leitura
ao primeiro que me abre.

Sê livre e farto.

Põe a vida que te foge
na imensa fogueira irreal
do poema tumefacto, e escreve
sobre as linhas divididas do ser
a outra esperança, outra fala.

Aqui o tempo desaparece.

Tu e eu, bem fictícios na linguagem,
trocamos as palavras devolutas
que temos como estranha missão
de preencher e vivificar.

Luz o sentido plural
no arguto sublime ideal da comunicação,
tacteamos na escura mediocridade de hoje
para aprendermos qual o vício,
qual o engano que traumatiza
as sensibilidades ditas contemporâneas.

Lavaremos o corpo.

Disseminaremos a alma
pelos milhentos cantos da terra,
seremos um outro povo.
Novo.

XIII

Cada traço da procura é um imprevisto.
Um jogo de sons e de sílabas,
sentidos aglomerados
no ponto infinito
da desgraça.

Destruímos com a intenção grave
de amanhã
assistirmos ao levantar definitivo do sonho.
Um outro mundo,
humano no sentido pervigil
de conter as fraquezas sublimadas,
uma outra alegria,
inchada pelo prazer diáfano dos corpos,
uma outra tristeza.

Seremos irmãos.
Sem pais nem família.
Seres do universo invisível
que gira no movimento lento
da inspiração e do delírio.

Teremos novas as casas.
As mulheres engendrarão filhos
reconhecidos por todos os homens,
aboliremos as portas do desprezo solitário.

Correntes de ar
sulcarão a memória futura
com maviolosos deslizes da paixão,
a carne será apaziguada
para que brilhe o novo espírito.

XIV

Deiscência a tua, mulher,
no deleitoso momento da verdade
que nos instaura animais breves
para o desmaio ontológico.

Vivos estamos,
a cama tremebunda,
o suor originando a tensão
de um perfume ávido de posse.

Ninguém se perde, ninguém se acha.
Queimamo-nos na pura ilusão
do prazer que ilumina a carne
e tece nos sentidos a voz natural
do espírito maltratado.
Somos talvez os últimos.

Só o desejo omnívoro sabe a universo.
Somos os homens que continuam
na inclemência dos séculos
a sofrer
os partos e os decessos,
as dores e os castigos sociais.

Mas no silêncio da noite
lutamos rastejantes e efémeros
na procura do êxtase absoluto,
da pura perda.

Abre-te pois quando hirto
dirijo-me ao cerne do teu corpo:
diz as vãs palavras do engodo:
sei ler os desígnios frustrados.

5/4/77

XV

Caio no malogro.
Dizer a vida movente
com palavras usadas pela incontinência,
sugerir a linguagem da liberdade.
Caio na armadilha invicta,
profeticamente disferindo o clamor
de uma desgraça emancipada.

Falo com os amigos.
Das origens tutelares da cidade,
das políticas e das polícias,
entidades paralelas,
das públicas manifestações dos homens.

Regresso a casa deserto.
Uma infrene vontade de chorar.
Passam os dias sem substância,
indiferentes desgastes do corpo,
correm velozes as sombras ilícitas
da frustração e do lazer.

Nada se faz.
O real capital resiste
ao impulso dos miseráveis.
Combatemos a angústia conflituosa
nascida das ruínas tumefactas.
Os crimes são escassos
contra a lei dos mais fortes.
Como pois viver o enigma da paz?

XVI

Lindo com amor
as regras do meu delírio.
As águas lavam o martírio
da poética feita de nebulosas.
Crio um grito capaz de luta
nos escaninhos ctônicos da terra.

Como eu muitos navegam
a experiência do engano luxuoso.
Todos mais ou menos conhecemos
as garras da paixão sonhadora,
mas poucos foram os que foram
ao âmago do sofrimento isolado.

Queimei casas no descampado
da ignóbil memória.
Deixei no corpo as cicatrizes
da batalha insuportável,
calcorreei a distância finita
que me separa da morte,
aprendi a diabólica linguagem
do inconsciente revelado.

Mas o amor floresce
nas pedras do deserto actual.
Riachos de luz e calor na amargura
da humanidade cingida de frieza.
Um poema escrito com a ânsia
que aponta o futuro capaz.

XVII

Na opacidade dos eventos
que fervem o destino e o homem,
a hora da reflexão,
tentativa grávida de sopesar
o real como imprevisível roldão,
queda na questionação
que levanta o horizonte problemático
da existência até ao nível dos olhos.

Quem fui?
Onde pus os pés?
Que terras escolhi nos caminhos
desprotegidos que criei nas veias
do corpo inchado?
Que mulheres soube amar?
Que ódios acumulei no peito
carcomido pela demência?
Que solidão arquitectei
diante da corrupção do mundo?
Onde cheguei?

Sublime e húmido transpiro a ousadia
de viver o sofrimento humano
que não escolhi,
a minha terra é um longínquo reino
construído no futuro ausente,
a minha casa abre-se no sonho
como um fruto maduro e transformado.

XVIII

Geratriz do amor,
a memória sóbria do irrealizado,
um cogumelo feliz que canta
as vicissitudes quotidianas
do enfado.

Penso então em ti.
Na penugem do teu sexo quebrado,
na humidade do teu calor animal,
e choro a ausência,
a inclemência do destino falhado
que mais forte que a vontade
tece as razões impossíveis
da história.

Nada teremos para contar.
Foste sóbria diante da tensão
que pululava no meu arquejo,
olhavas com espanto e medo
a força inumana do desapego
que tingia o mundo dos homens.

Mal soubeste proferir as palavras.
A urgência era um logro.
A arma do crime revigora e fere
quando se traz um vazio exicial.
Mas conheceste o meu suor icoroso
no amplexo tenebroso da angústia
quando me desfiz em puro mar.

XIX

Hígido espírito o da morte hílare.
Depois do alvoroço, a paz vazia.
Deitado na cama transpirada
reflecto a obsessão da carne.
Não durmo sem palavras vigilantes.
Elaboro a taciturna hora do sossego
que aufero no clima sangrento
da minha idade.

A tua respiração no silêncio.
És mulher.
Tens um corpo diferente.
Nascestes e vives.
Vieste de outras terras
e repousas agora ao meu lado.
Nem sequer é um mistério.

E quando falas transcendes
o simples contributo da tua fala.
Não compreendo a comunicação.
A doença moderna é solitária
e solidária da escravidão.
Dizes lugubrememente que amas.

Sou longe.
Perdi algures a humanidade.
Seco perfil da ansiedade
não consigo vincular o amor
à prática dos gestos animais.
Amo o desgaste do desmaio.
Mais nada.

XX

Parado frente ao mar vejo a chuva
cair docemente no azul averdengado.
Vejo com os olhos doentes.
Dentro, nos socacos balbuciantes da memória,
outras imagens irrompem na maré
da consciência.

Velhos instantâneos do passado.
Cenas mágicas da juventude baixa.
Gestos articulados pelo lazer de hoje
que já foram os supérstites
da realidade revoluta.

Sim, tive uma infância.
Na vila deserta de carinhos
corri, as longas vielas exploradas,
os espaços vituperados pelas areias
marítimas do desassossego.

Sou humano,
digam o que disserem.
Cresci como os outros.
Fui talvez por outros caminhos,
vi talvez o teatro do mundo
com outras cores,
mas cheguei ao mítico ponto do aqui,
regressado das pretéritas truculências.

Reconheço os homens
e as pedras.
As ausências cerceadas pela morte.
O tempo foge.
Diante do mar encapelado
sou esta dimensão
entre um passado e o presente.

XXI

Antolha-se-me quase impossível a presença
da magia nos esgares modernos.

Doida tecnologia a vossa,
limpando a vida dos estrumes férteis
que amparam e socorrem a memória.

Não há futuro sem o melhor do passado.
Assim como a vida tende inexoravelmente
para a poesia,
assim também o sentido disperso
tende a fixar-se nas palavras irrequietas.

A loucura não é só doença.
Cobre o infinito espaço da presença
de ideologias como das revoltas,
diz com a voz inocente
a mediocridade da existência legada
pelas políticas da fome.

Escravos sabemos qual a luta.
Juntamo-nos nas casas quentes
e conspiramos em todos os momentos
contra a opressão: uma vida isenta
de alegria e responsabilidade,
ditada pelos senhores do chicote disfarçado,
adocicada pela feminina monstruosidade
de guerras de interesses mesquinhos
que não são os nossos.

Mas venceremos.
A terra devastada pelo capital ódio
chama-nos nos desertos fedorentos:
quer a seiva das nossas veias sangrentas.

XXII

Compilo complacentemente a placenta
da desigualdade.

Mostro claramente a ferida exangue
no corpo desconcertante do homem.

Avivo a chama moribunda da raiva
que adormeceu nas prisões húmidas.

Chamo a alegria do prazer icástico
capaz de redimir a dor imanente.

Escrevo a magia virgem
no papel podre do delírio coetâneo.

Dinamizo as palavras enfraquecidas
do léxico truncado.

Profiro com amor os verbos ágeis
da emancipação poética.

Sou a história
no revérbero diáfano
que sobe da vontade escrava
dos homens dominados.

Longo é o caminho da felicidade.
Aguçados são os espinhos
que bordam malevolamente a estrada
onde percorremos as etapas da vida.
Ontem fomos jovens,
hoje dizemos no corpo a meia idade,
amanhã traremos no cansaço a velhice.
Mas temos um alvo. Um sonho.
Povoar a terra de igualdade
com o sangue fraterno da revolução
que transfigurará a face podre do tédio.
Perto reside o desejo.
Uma aposta.
Um alarme.

XXIII

O escarcéu, a humidade alíveloz
transportada sobre o rosto injucundo,
o frio exterior da terra
que não sabe irromper na malha aquosa
do inverno retardado.

Queria falar das complexas estruturas
do dizível. Sugerir os percalços
do pensamento asfixiante. Anotar
o alarme e o medo da perquirição.

Gostaria de situar a importância
da vida
na confusão dos valores amalgamados,
dizer com expressão nítida
o contorno irrazoável da escravidão.

De que alimentos nos fazemos.
Materiais e espirituais.
Que classe de homens nos domina.
As ofertas que nos legam.
A miséria que partilhamos diariamente.

Mas o poema furta-se ao real.
Cada vez é uma deriva,
uma força de repulsão,
um traumatismo aberto no corpo
da estética ainda impossível.

A história que nos obrigam a ser
engana-se e engana-nos.
Nada do que ficou reluz revolta.
Só eu sei as dores contemporâneas.

XXIV

Com esmero pacífico escarifico o ódio.
Busco as secretas razões.
Alivio o corpo da demência.
Digo súbitas palavras isoladas.

Um escape à tensão psíquica
que vivemos.
Uma saída irrisória dos humores
que percorrem as nossas consciências
doridas como a terra batida
pelos pés assassinos.

Não a liberdade.
Mas o desejo e a intenção.
O clamor furibundo da opressão
que se diz libertadora
impõe aos homens estranhos remédios
que desgastam.

A escandalosa política do sono.
Não a do sonho desperto
para que tende a poesia lutadora.
A putrefacção das capacidades inatas
que não beneficiam de um campo aberto
para o desabrochamento.
O amarfanhar dos desejos virgens
perdidos nos esgotos da demência.

Amanhã, continuando assim,
seremos as mitológicas ruínas
do que poderíamos ter sido.
Escrevo o alarme,
dou-vos as armas libertadoras.

XXV

Sem dúvida o apego é maior
que o próprio cansaço do desespero.
A angústia ilumina as sendas plausíveis
do sossego.
Nelas perco as tentativas inglórias
de fugir à morte
do obsoleto.
Com elas crio fantásticas sinfonias
do degredo.

As perspectivas esboroam-se.
O futuro que deveria ser um apelo
cai sobre nós como uma fatalidade negra.
Em todos os quadrantes do pensamento
a desgraça, o desastre, o deserto.

Esgota-se a civilização.
O cancro é um animal feroz
roendo as vísceras trânsfugas
da felicidade possível.

Que fazer?
Dormir? Deixar a gangrena
florescer como um prémio imerecido,
ou antes escolher o combate
quotidiano da peste arborescente?

Mas o cansaço existe.
Raros são os alimentos ricos
em profecias humanas e serenas.
Os cantos ignaros do poema vida
dizem a monstruosidade plena.

XXVI

No redemoinho anárquico do destino
a voz subterrânea laivada de fogo
expele os grãos da sabedoria
sem livros nem experiência.

Faúlhas icásticas nitidamente
engendrando o homem
que não pode viver as fezes lúgubres
do quotidiano.

Sob a pele mítica do corpo
corrompido dos homens
vive a outra dimensão,
alternativa expectante
que se insurge contra a prisão.

Queima o desejo.
Calcina as torpezas do mundo
dividido no grande e no pequeno,
tenta a purificação com apelos
que traduzem um outro espaço
num outro tempo.

O mistério vive-nos.
Comichão insensível dos sentidos
tumefactos que explodem
quando exploram o real nocivo,
tentáculos do mericismo
que eterniza a morte.

A palavra.
Insulso medo.
Abertura profunda
na corrupção do século.
Uma esperança visceral.

XXVII

Não sei que queda,
que espanto.
Súbito revivo o canto
da idade empobrecida pelos enganos
outrora insuspeitos.

É uma dor.
A aventura sempre trágica
de um destino que se quer límpido
como a concisão e o encanto.

Busco o silêncio apaziguado
das auroras timoratas
que deflagram em dias inclementes.
Sofro o sopro erodente
da loucura que se revolta
contra a mediocridade do tempo.

Quero a luz,
quente corpo de mulher
isento de preconceitos carnaís,
o brilho visceral da história
compreendida como uma passagem
tersa.

A palavra só.
Solidamente infrene
na jucunda desrazão despovoada,
dizendo a abundância de sentidos
que florescem no deserto denso.
Só a palavra
violenta o ramerrão
do desmedido falhanço.

XXVIII

Mas o cansaço,
esse inalterável cansaço,
indomável desfibrar do corpo
em dias de calor,
o desejo mil vezes expresso
de desaparecer
homem deste tão situado mundo.

A carne ingente
desfalecendo
diante
do suceder mecânico dos dias.

Febris. Pálidos.
A consciência transparente
como uma superfície de águas,
o real remexendo na carcaça
empobrecida.

Falo-te do quotidiano.
Ano após ano a cegueira
avolumando-se nos olhos opacos
dos cidadãos inadvertidos:
a ausência timorata de tudo.

13/4/77

XXIX

Eucinesia,
palavra obnubilada
pela sensibilidade moderna.
Reitero o delírio acampto,
a folha estreme da heráldica
sem soluções:
espasmo ínsito,
dor consueta aquela que luz
na famigerada escuridão.

Na devoluta arte
o grito.
Abscôndito salto tentacular
no mericismo intruso
dos olhos que queimam o real.

Sólito ritmo sobre o silvo
que anima a poesia perdida,
futuro fora do alcance,
um álgido e cripto vagido
saído das entranhas gordas
do desastre.

Em haustos inspirados absorvo
a morte diária.
Tumulto de areias no coágulo
do eterno.
Este destino humano.

XXX

Ábdito desejo jaz na acalmia.
Êxtases de sofrimentos solitários.
Anesia trivial.
Sobre o vazio
dito e escrevo a palavra cruel
e radical: vida.

Fingida acracia no fogo sublime
que arde
quando o real infrangível
molda o sentido
das vísceras humanas.

Um poema: uma estrada.

Aqui o deixo, ponto de partida
para a leitura camuflada.
Árvore sob um céu vermelho
carregado de suspeitas e suspiros.
Água. Suja trama vivida
entre um irrazoável sentido
e a sombra da desgraça.

Mas sobretudo a vida.
Cheia de fogo, cheia de traça.

Lisboa
Póvoa de Varzim

LIVRO II

FORA DA LEI

PRIMEIRA PARTE

I

Estou na manhã
com o breve sentimento
de que tenho de cumprir um dever.
O universo todo mudou.
Vejo as coisas diferentemente.
Sinto-me subtilmente perdido.

Vou ter que escrever qualquer coisa
sobre um poema de alguém.
E não sei.
Terei que mentir
mostrando que compreendi o poema.
Com fundadas razões,
ou pelo menos inteligentes,
tanto quanto os homens de hoje.

Por esta porcaria
essencial para a minha vida
sinto uma ancha angústia.
Transpiro.
A liberdade surge só uma palavra.
Mas o mal-estar abate-se sobre mim,
inconfundível mão onipotente.

Não haver deveres!
Não haver ter que,
ou ser obrigado a!
Estúpido universo o do homem
social:
as ordens e as leis,
os serviços prestados.
Sinto-me mal.

14/4/77

II

Sentado no café mitológico
vejo os homens que chegam,
os que se vão,
aqueles que já estão sentados.

Tenho os olhos de tal maneira novos
que não compreendo o que vejo.
É um mistério.
Uns lêem jornais
com um minucioso silêncio.
Outros conversam com o parceiro
do lado.
Falam do quotidiano.
De presidentes e de crimes,
das crianças desavindas,
do desastre.

Compreendo tudo como se estivesse já
num outro mundo.
Como se, por magia,
pudesse imaginar cenas do passado.

Falam de coisas desaparecidas:
de leis gastas como os séculos,
de climas sociais caducos,
de modos de vida ultrapassados,
de ideologias que reinaram.

Onde estou ?
Será que o real
não me segue?
Será que me adiantei alguns séculos?
Sem dúvida estou sentado fisicamente
num café da cidade:
um outro eu.

III

A azáfama dói-me.
Este movimento confuso
das pessoas que fingem viver.
Este contínuo desgaste
na realização do efémero gritante.

Trabalham mecanicamente os gestos
sem sopro de novidade,
dizem convictos da saúde
as mesmas frases diárias,
olham-se como se se reconhecessem.

A humanidade onde irrompi.
A sociedade onde cresci.
A mesma cidade em toda a parte.

Se eles são homens,
que serei eu
que não sou como eles?
Se sou eu o homem,
que serão eles?

Às vezes lembram-se de qualquer coisa
e têm um gesto humano.
Até parecem gente.
Comovem-me.
Um breve minuto.
Depois retomam as poses civilizadas
da impessoalidade
e do colectivismo obtuso:
julgam-se sem dúvida as tais peças
da máquina útil e funcional:
trabalham.

IV

Queixam-se alguns da impopularidade
da poesia.

Querem incrementar nas populações o gosto
pelas palavras.

Pergunto:

para quê criar mais necessidades
nos homens consumidos?

Mesmo sob o pretexto ingênuo
de que se trata de um passo em frente
no caminho da liberdade.

Somos poucos os loucos pelas palavras.

Mas não possuímos a verdade.

Abrigamos apenas o desejo de outra coisa.

Chegando alguns a suspeitar de que esse desejo
trará o fim da arte poética
como hoje a praticamos.

Para quê pois intoxicar
os pobres homens
com necessidades
que hoje não sabem sentir?

E depois, que liberdade?

Escrevo cômico de ser único
e só.

Ponho nos poemas que me dito
a substância dos dias maculados,
o fel e o ódio pela civilização,
o desejo obscuro que me anavalha
e aponta para outra coisa
diferente.

À minha maneira,
também sou escravo.

V

Compreendo também a fraqueza.
Enquanto outros conseguem viver
o ritmo imposto pelas políticas,
soçobro eu incapaz de equilíbrio
ou de um compromisso salvador.

A revolta é visceral.
Não aguento esta vida
que teimam em dar-me.
Só mediocridade.
Olhares contentes
nos rostos infecundos
das pessoas que passam.

Por que sou tão fraco?
O meu ritmo não coincide
com o tumulto poeirento do real,
as minhas horas são assaltadas
pelo desassossego de sirenes
que rasgam as cidades conspurcadas.

Mas eles passam,
como se não soubessem nem sentissem
o calor da dor,
sorridentes na azáfama
que os ludibria
com acções e cansaço.

Absorto observo a servil odisseia
dos homens contemporâneos.
Ódio ou amor ou indiferença?
Estranho sentimento a solidão.
Uma mão estendida para o vago.

VI

A arte apocrística dos nossos dias!
A vontade de chafurdar a beleza
antiga nos esgotos do descontentamento.
O ódio adiposo nutrido pela poesia
que se estiola sob o sol.

Cada dia que passa propala o desgosto.
Assoma no horizonte o sangue podre
do incesto intelectual.
O vagido vagueia ao longo
dos corredores tecnológicos.

Não há armas.
Nem traições colubrinas.
Apenas os esgares marcescíveis
dos governantes assomadiços.
Apenas a náusea amarela
que emerge no frontão ordinário.

Homens escrevem.
Enciclia nas águas empobrecidas.
Estilicídio.
Ruminação.
Tentativas de liberdade
corrompidas pela matéria sonora.

Dizem a fidúcia,
o medo, o aracnídeo desprezo.
Como se a arte poética
catalisasse os sentidos moribundos
do último degredo!

VII

Escrevo o irresoluto espasmo da memória.
Num cicio melífluo desvendo a origem
do mal.
Traduzo com raiva a atímia contemporânea.
Morte em toda a parte,
ou castração.
Denuncio a sugilação do pensamento
dominante,
as rédeas ideológicas circunscritas
ao recluso arfar do cansaço.

Digo o sitibundo olhar
que prefigura o futuro além.
Com palavras tamisadas pela luz
construo o lar ameno
da família liberta.

Sou talvez incompreendido.
É que a loucura ambivalente
não dá esmolas nem receitas.
Mas abertura e suspeitas.

Inessencial inscrevo no tumulto branco
a resistência,
a vontade de quebrar as prisões,
o desejo ctónico que vibra,
o prazer roubado à produção.

A poesia recolhe-se ao casulo
mitridático.
Espelho e sopro genesíaco.

VIII

Olhar hiulco de espanto.
Fervor.
O corpo retesado ao compasso
do medo núncio da liberdade outra.

Cada sentido retido um orgasmo anímico
no plexo da cidade irrazoável.
Sentimento oxálide
da escravidão que se consente.
Emoção trânsfuga percorrendo o caos
do corpo vazio.

Mas o olhar desmente mistério.
Aponta o espaço trágico
do único caminho.
Em frente.
A novidade que fere
e a vida vivida às avessas.
Sinal fovente.

A ignorância.
Macerado dilema
do homem cansado pela angústia
de uma vida irresponsável e presa.
Sem ódio. Sem clamor.
O dia amanhece.
Aspiciente.
Mas nada mudou salvo o dia.
O mesmo tédio, a mesma loucura.

IX

Procuro na escrita assidente
prospectar o mal da civilização.

Do ocidente eunuco febril que produz
o suspicaz desfecho da morte
nas células ainda ontem humanas.

Da sociedade insulada
que escolhe chefes cadavéricos
para o poder
exercido contra os submissos súbditos.

Do indivíduo tenebricoso
que conserva o dogma perverso
do masoquismo
como quinta essência da sua realização.

Procuro nas próprias palavras
os indícios do sonho, do futuro
que se furta ao meu desejo
de homem incapaz de sofrimento
feliz.

Encontro o terebrante declínio
da vida,
o esgar corrupto da morte,
o simulacro erodente do sigilo
que não governa mais
o mundo hodierno.
Mas sobretudo a dessemelhança
como privilégio dos poderes fluxíveis.

X

No buraco da noite,
isento e mesquinho,
transcrevo para o papel soturno
a alegria tenaz que me mantém de pé.

Um pelágico esforço de me suster
ruído e riso,
uma tentativa capaz de traduzir
a incompreensível tensão
em que me encontro.

Os oráculos foram-se.
Restam nas improfícuas leituras
os brilhos horríssonos do destino
que quer carnificina e luto
à custa da carne humana.

O medo diz-me as palavras.
Grito-as como clavas contra o silêncio
e espremo a esperança agonizante:
ouço-me com a voz transparente
de um ser ignaro.

Quem sou sou.
Sem promessas nem enganos.
Sofro o quotidiano
no desejo que me fustiga em frente.
Que o presente deturpa
a real necessidade de ser outro.

XI

Como um estrépito a inspiração.
Ardor obsceno da inteligência
que descarga
chamas em forma de palavras.

E eu?
Qual o meu papel
neste turbilhão insensato,
qual a minha origem,
que força?

Jungido estou frente à nebulosa
que surge no horizonte
do desconhecido.
Alarmado e fixo como um espanto
guardo o fim do tumulto.

Áugures as palavras novas.
Dizem a história.
A pestilência do século moribundo.
O desejo invicto
que nasce do fastio da frustração.

Não sei que escreva.
A leda mediocridade do destino
é um furo
na malha fléxil do delírio.

E depois há a loucura.
O refugo morto.
A desordem das leis humanas.
O cataclismo que espera e espreita.

XII

Sinto-me um milhão de vozes
corroendo a história.
Sem família nem marcos visíveis.
Estranho solário frente ao vazio
das compensações modernas.

O carcoma infiltra-se no âmago
da contemporaneidade.
Digo outros sentidos
achados no sofrimento
que pulveriza a fertilência ordeira.

Quanto mais longe mais perto.
Crio com alarme
a filosofia da mudança.
Quero uma fome humana.
Uma dança.

Sob o sol, sobre a terra,
homem de um mitológico hoje,
só e sem esperança,
fogo que ilumina a noite.

O discurso não tem limites.
Quanto mais isento de complexidade
mais dirigido para o centro
donde nasce a luz pervigil.
Sou um estranho facho.
Distilo a estrada do futuro.

XIII

A arte nunca poderá ser vida.
Sobre o verdemuco do muro frio
vejo sinais da efémera história
que vivemos.

Palavras de ordem.
Fuga precipite diante do real.
A mítica bengala
da segurança nunca mais uterina.

Lembro-me.
Nunca como hoje estive consciente
da infinita pequenez
que me limita.

A arte brinca e dissolve a dor.
O verbo errabundo sacode a poeira
do martírio a que assistimos.
Constroem-se as torres
que não nos salvarão do inimigo.

Tédio, o teu nome é deus.

Alço a voz como uma ave leve
que voa sem direcção definida
nem sentido.
A sobrevivência é um vício.

Quantas vezes colhi o arrepio?
Semeei algures a bondade?
Trevas e clangores no alarme
que paulatinamente fabrico.

XIV

Expulso de mim o horror diurno
da indiferença.
Sei qual a batalha e quais as armas.
Cada respiração é uma luta.

Não preciso de expressar o avanço
do meu ser.
O real, aqui como outrora alhures,
fica aquém da minha ânsia.
Todas as palavras são sinceras
quando atraçoam.
Essa a função divina do poético.

Queimar, queimar o homem!
A dor campeia como árvores mortas
que esqueceram a seiva.
O cansaço torna-se o pão diário
da miséria coeva.
Não quero assistir ao espectáculo.
Quero ser.

Ruflo sobre os ares virgens
do destino.
Uma flecha e um alvo.
Caio sobre as vergôntes verdes
do delírio
e digo as camas que faltam,
as mulheres perdidas
no alheamento da carne.
Por toda a parte vou e respiro.

XV

Leio ingres poéticas da mediocridade falaz.
Conúbios inconcessos com a ideia
que o homem moderno faz da inteligência.
Taxativas teorias da riqueza
que nos é prometida para um vago futuro.

Leio a loucura de não viver aí.
Estou longe, no fora
quase impossível.
Daí a tortura diária,
o descontentamento.
Daí o solipso e uníloquo olhar
que me nasce nas entranhas.

Não quero este universo.
Anseio por um outro dilúculo,
por um outro ritmo.
Desejo outras faces nos corredores
do tempo.

Mas leio as vozes ilídimas
dos axiomas contemporâneos
que poetas consagrados consagram
à cultura dos povos dilectos.

Caligem, ilécebras, ratoeiras.
Preparam-nos com amor a hecatombe
onde arderemos.
Quanto mais tarde o desastre,
pior.
Leio com desgosto e angústia o fim
da história que não mereço.

XVI

Mas o frenesim é mais intenso
que o desânimo.
A comichão anímica obriga-me
literalmente
à prática das palavras inquietas.
Não sei como escrevo,
mas tenho a vaga noção do poema,
poeira de estrelas radiantes
no azul escuro do universo.

Assim o fogo sobrepõe-se à estase.
Delírio que sufoca de sentidos,
grito terrestre na timorata estrumeira
das artes.

Momentâneo solcris.
A palavra multívola
escolhe o acaso da leitura
como um ameno lar.
Confia nas vísceras jovens
que povoarão o mundo revolto.

Daí a alegria.
O salto infrene do discurso evasivo
que se revigora de sangue
e espírito.
Daí a natureza incólume
da tessitura onde se abriga
a esperança.

XVII

No caminho insone dos passos plúmbeos
irrompem os alarmes anímicos
que previnem.
Chamas transparentes
ciciando o futuro inerte da derrota
que chama.

Órgãos do corpo doente
mostram a vérmina intestinal
que corrói os alicerces da cegueira
colectiva.
A burocracia da afectividade
dói nos amplexos falhados,
fruste amor o nosso.

Mas a perdição ascende no altar
violado das conquistas científicas,
cogumelos de morte
são ejaculados sobre os homens.

O grito demófilo esconde a face
do medo.
Sesgo caminho aquele que pisamos.
No bem-estar perdemos o ser.
Furibundos clamamos a igualdade.
Em que cinzas nos reconheceremos ?

XVIII

A esfinge finge mistério
e silêncio.

Ai daquele que evita a pergunta
traíçoeira do tempo!
Mas só o real exige a resposta,
indeciso passo através da memória,
inconclusa passagem
no espaço de uma vida sóbria.

Rapace a esfinge sorri sem dentes.
Pedra da civilização caduca
que não soube acompanhar a história.
Nascem e morrem as civilizações
como corpos de animais exangues.

Em todas as épocas a dor.
Constante.
A miséria dos escravos masoquistas
que aprenderam a amar o chicote.

Mas não temas a esfinge.
Morta está.
A vida tua é outra,
outros os problemas a resolver.
Recebe esta oferta.
Arma-te contra a solidão.

XIX

Compreenderás talvez um dia
o arancel monótono
dos salvadores cadivos da humanidade.
Eles sabem as palavras podres
do passado tingido de cansaço
e de miséria,
eles subornam a vida com objectos
produzidos no forno da escravidão.
Dão-vos utensílios inúteis
e promessas fictícias,
obrigam-vos a percorrer o martírio
da civilização monstruosa.

Mas virá o dia da luz.
Abrirás os olhos aflitos
diante da metrópole tumefacta
onde vives com os teus filhos,
verás o rosto da estupidez insana
nos companheiros sem memória,
dirás não ao escarro da sânie
que o consenso democrático alinhavou.

A morte espreita o imperecível deslize
do ódio.
Com armas que constróis diariamente,
com o sangue que perdes no cumprimento
das tarefas inessenciais.

XX

Julgo que sirvo a liberdade visceral
quando esfacelo a opacidade
vulnífica do muro ingente.
Preciso terrivelmente de ar,
não só para respirar,
mas também para poder sonhar nítida
a queda dos horizontes.

A fome que me devora
não tem limites.
Quero tudo,
não para esterilmente possuir,
mas para gozar a realização
de todas as minhas potencialidades.

Sei que sou capaz de fazer.
Sou consciente das minhas possibilidades
que têm sido traumatizadas
pela ordem caduca do social mesquinho.
Sei que diante do universo
espelho um outro lugar,
galáxia de mundos interiores
fervendo de respeito pela alegria.

Pouco a pouco
nasce no redemoinho ctónico
aquele que me saberá viver:
uma dimensão simplesmente humana.

XXI

Denuncio com ódio
as prisões camufladas dos ideários
nascidos no ódio.

A vida é um sim.
Corpo a corpo no gozo
que humaniza a terra deserta.

Escrevo aqui
a impossibilidade deste mundo
inviável.
A dor que sufoca nos corações
dos homens escravizados.
A injustiça cooperando com a tristeza
que enlameia as sociedades ocidentais.
O tédio tentacular
capaz de assassinar o álcree destemor
da juventude.

Pára e olha em volta.
És feliz?
Sentes-te bem?
Medita no dia a dia que arvoras.
Chamas a isso vida?
Denuncia comigo
a profunda miséria do quotidiano
que te dão.

XXII

Escrevo dentro de mim
o poema ignívomo capaz de queimar
o desespero e a frustração.
Cresce como um outro ser,
respira através dos meus pulmões
e alimenta-se do sonho
que o real é incapaz de conter.

Enrola-se no oco anímico
onde preenche os ditames severos
da consciência desflorada,
vive-me como um seríceo parasita
que salva.

Vou talvez na rua ou estou em casa.
Construo. Invento
o obscuro deslize das palavras
que saltitam e gravitam
em torno da minha solidão.

Mas não sou só.
Trago nas vísceras quentes
a loucura que me faz viver.
Um estranho animal,
um filho sem esperma nem óvulo,
um significado futuro
como a chama efémera do tempo.
Mais do que agente ou inventor
sinto que é a vida que me escreve.

XXIII

Poderosa chuva celíflua caindo no silêncio
sonhado da tarde agónica.

Cai como uma carícia na podridão
celular da terra amorfa.

Vejo-me nela como um líquido cordo
que sabe viver a acalmia
e a tempestade.

Cai entre cílios da memória
e enterra-se nos rins dos homens.

Pungente e vulgívaga continua
a queda.

Não sei se choro ou rio.

Húmida a mão que espreita o caos.

Sou eu.

Mais ninguém ama o deserto inimigo.

Sou eu.

A chuva tenebrosa que cai no húmus,
no ventre túmido da terra.

Um poema trágico.

A hora simulada no grito selvagem
de quem morre.

Agora cai, fléxil e atrasada,
como um suspiro ciciado ao ouvido
da desolação indómita.

Estou no clima provável da sorte.

Captando ritmos e luzes

enquanto a chuva cai

sobre a singela voz do poema.

XXIV

Imaculado na febre assisto ao bater
incomensurável das palavras
em brasa.
Forjo o barco do amanhã
com os restos deixados pelo naufrágio.

Tenho uma breve esperança.
Poder um dia navegar, sair da barra,
voltar à origem dos ventos livres.
Mas a doença é um forte
e alastra-se pelo corpo úvido
como um líquido fora da sua dimensão.

Vivo de nada.
Do calor desperto do sol,
do aconchego do sexo saciado.
Como o frugal remédio necessário
e bebo a água tremulina.
Sou um homem.

Mas afirmo que escondo em mim
uma nítida esperança:
a de poder um dia voar
através dos céus ressuscitados,
com as asas que fabrico,
com a leveza do espírito sarado.
Saberei então qual o gosto
da verdadeira liberdade.

XXV

De tal maneira vivo
que mal consigo dizer a distância
entre o delírio intelectual
e as ratoeiras perplexas da realidade.

A febre alastra-se metuenda
e baça.
Um despido orgulho de ontem.
Transcurso tóxico da odisseia
imarcescível.

Abro-me ao profano ilapso
transmitido pelos acontecimentos,
sei em que real
instauro o silêncio do revérbero?

Não é já loucura.
Seria bom demais.
Mas a angústia supérstite,
revulsiva,
entranhada na cosmovisão.

Uma remissa manifestação
do fogo.
Uma sombra deslizando pelos escombros
da juventude imperfeita
e cega.

De tal maneira vivo
que não sei
onde estou.

XXVI

Anelo nugativo.
Uma mão moldada pelo vasto sentido
da queda.
Insignificante paráfrase do medo.

Abandonado pelo segredo antiquíssimo
tamiso as minhas vísceras.
Mussito cadivos encantos
do quotidiano tão maltratado.
Averbo em livros proficientes
a mediocridade repetida
pelas horas que passam iguais.

Mas a peste é um facto.
Não a dor, casulo imprevisto,
mas a ferida aberta
exposta ao sol das moscas secas.

Corvejo o abcesso,
o alto mal.
Na escrita poética do século
sou a voz estrídula
que canta.

A fome. Espiritual.
A miséria. A desesperança.
A morte em pé de milhares de homens.

Quero sair do dédalo.
Onde o som do silêncio?
Em que águas o mar ?

XXVII

Conto-te a história febril
do desassossego.
Não saber resistir ao impacto
do aviltamento.

Passeio no clarão do sol
pelas ruas secas da cidade liposa,
vejo a porcaria transbordante
sobre os passeios tumefactos,
ouço as vozes mitigadas das crianças
nuas como a doença endémica,
os pregões animais das mulheres
que se vendem.

Fecho-me em casa.
Não mais o discurso.
Arrepio-me na língua materna
que aprendi com enganoso.
Sou talvez o primeiro ser
transformado.

A luz não me fere.
Bebo-a como uma flor
instintiva.
A réstia suave do desemprego
como máxima ordem
do universo amigo.

XXVIII

A raiva iconoclasta.
A arma capaz de abrir a dor
falsamente anagoga.
De estripar o medo misoneísta.

Sinto que me afundo no logro.
Através das palavras que destruo
crio talvez um monstro
pior que o susto do vazio.

Que fazer?
Nunca pergunta
significou tanta angústia!

Só e acompanhado
vivo
o desperdício das possibilidades
arfantes.

A ânsia.
O secreto degredo.
A palavra mal proferida
lançada como uma pedra mortal.

Quero viver!
Quero viver!
Quero viver!

XXIX

Lançam-me ardis como apelos anímicos
vindos do incógnito.

Querem-me bem comportado
e eficiente no burocrático limite
do profético.

Desejam-me as felicidades compradas
com um suor icoroso.

Aconselham-me a lei
como benefício maior da estadia.

Dizem-me com capciosos sinais
os caminhos que devo seguir.

Ah! estou cansado.

Confesso.

Não aguento mais.

A civilização suicida-me.

Exige-me morte e castigo
e castração.

Estou terrivelmente cansado!

Quanto mais escrevo menos sei.

Digo-te a profunda traição de tudo.

Do saber como do irreconhecível.

Detruso intruso sou.

Nasci cedo demais.

Enganei-me na matriz.

Precipitei-me neste inferno de homens.

Onde a minha casa?

O meu lar?

XXX

Sob o olhar vascoso da história
escrevo o tumulto da vida
sentida como uma plenitude
incapaz de seguir as leis punitivas
das sociedades emasculadas.

Não tenho função nem emprego.
Respiro o ardor das noites esquecidas
e ouço o ruído tentacular
dos subterrâneos da liberdade.

Música na alma: a alegria jovem.
As mãos transpiradas percorrendo
estranhos corpos de mulheres
nuas como o desejo e o prazer.

Mas a sintaxe vinga-se! Deixá-lo!
Amanhã saberei dizer o sinal
que porá em marcha a felicidade
que hoje se forja na consciência.

Um outro clima para a primeira pedra.
Humana e severa e responsável.
Um amor aberto e sem portas.
Um tecto sujeito à abundância.

Escrevo, febrilmente escrevo
o estigma do futuro rebelde
na adiposidade leda do real,
uma voz na multidão de vozes.

SEGUNDA PARTE

I

Homem e fim.
Catapulta dos mil sentidos
que povoam a pobre terra.
Um som intempestuoso sulca o limite
da habitação anquilosada pelo ódio.

Ao túrgido junto o lúrido:
sensações esdrúxulas
como a própria
palavra.

Mas não só jogo.
Nasce a vida interina
através das névoas e das trevas
que banham a sensibilidade hodierna.

Homem e começo.
Um raio é a luz tremulina
que beija a água silente
da paz que se almeja.

Escravo gravígrado e facundo
fertilizo o deserto da esperança
com quentes desígnios
rebeldes.

Um poema humano.

20/4/77

II

Cicio-te o inopinado prazer.
A erecção que nasce no sangue
e assinala o cio
de um sagrado ofício da vida.

A mulher de lábios túrgidos
e abertos
como asas ou pernas
que esperam o sinuoso ataque.

Talvez beleza. Talvez desgaste.
Suor amor,
o desejo impávido tumultuando
como um coração forte que bate.

Terrível o momento do aperto.
Somos animais.
Cegos instintos satisfeitos.
Uma morte sobrevem.

Silencioso deslize da carne.
Os corpos afastados e serenos.
O espírito fixo nos olhos.
Uma eternidade sem ver.

III

Tamisado pela dor
vivo os acontecimentos reais
que me fazem mover os braços
e as pernas, na respiração mais densa.

Sei este nada.
Colmato o podre delírio
com a essência profunda da loucura.
Uma simples palavra
isenta de ideais ou de universo.

Aposto na vida.
Sol e água, areais
onde o vento quente não é
deserto nem sibila escravidão.

Estou assustadoramente bem.
Um abstido olhar vazio.
Um oculto ruminar.
O sopesar magnânimo do tempo.

Acoimado de exuberância
aprendo o silêncio.
A pobreza mítica da só palavra.
Mas a sintaxe traz revolta.
Como sugerir o inevitável ?

IV

Tumulto após tumulto engreno na malha
poética da sugestão.

As vicissitudes vis do destino humano
contadas pela voz arfante
do possesso ócio.

Inútil repetir das tonalidades
que revestem a mendicidade do homem
preso num quotidiano sem janelas.

Nem o vento é livre.
Tudo pertence a este todo:
um oco dorido
parindo perpétuas dores.
Mas o vento canta a outra margem.

Abro-me como um futuro fruto.
Retenho em mim a aurora.
Escondo-me da vida vivida na hora
para melhor poder sonhar a felicidade.

Sou o longe.
Arvoro loucas bandeiras
da liberdade.
Sei onde buscar o pão
e como vencer a fatalidade.
Vivo revolução.

V

Nem no sopor consigo o frio da acalmia.
Olho vigilante da inconsciência
narra-me as peripécias do crime necessário.

A vida como a vivo no ocidente oxidado,
um perpétuo falhanço de gestos e palavras,
acumulação de dias frustrados,
salsugem que coarcta a respiração leve.

Um pesadelo.
Um peso de elos
sobre o peito plinto da morte.
Estertor, anélito, arquejo.
A visão primeva do desastre.

A radical falência capital.
Desgaste após desgaste no corpo
que aborrece já o espírito,
um contínuo mecanismo torpe
da tecnocracia afectiva
que impõe as suas sujas leis.

E quando acordo caio na osmose
com o irreal.
Um levantar e um deitar,
as horas tacitífluas que passam,
o fim do dia nas vazias mãos.

VI

Então procuro o som do refúgio possível.
Abro com palavras, instrumentos mágicos,
as entranhas dos ciclos castradores,
leio o sangue que percorre o corpo.

Sinto cada vez mais o animal.
Cada vez menos o homem.
Subo no coito ao sublime
e auairo do espírito a merda.

Tudo está visivelmente gasto.
Até a dor.
Já nada essencialmente redime.
Ser é estar.

Como uma árvore vegetal.
Lanço ao vento estranhas folhas
escritas com a loucura dissidente,
nelas pus o pus do descontentamento.

Quero querer.
Como outrora, no âmago do acto,
entre um suicídio e uma cobardia,
grito: quero ser.

Dorme o ocidente carunchoso.
Escravizam as políticas salvadoras.
Homens e mulheres perdem-se no engano.
Deixa a palavra de ser poética.

VII

Uso com comiseração a palavra provecta
que dorme no isolamento do dicionário.
Lavo-a do surrão e da poeira mítica,
coloco-a de novo na voz viva do homem.

Tristura esta que me consome.
Um silábico esquartejar do verbo
que quero sedoso como a pele
da mulher venusta.

Insólito dilúculo.
Uma nódoa de sangue
sobre o verde terra das árvores
que se perfilam na distância humana.

Mas sobretudo a ignorância.
Um álares apelo vindo do desassossego.
Querer tudo.
A vida como a explosão da morte.

Mas o crime que engendra futuro
esconde-se das artérias mundanas.
Algueres sabota a paz insalubre
das pátrias destinadas aos cadáveres.

VIII

Não é difícil ser o êxtase.
Dizê-lo é quase impossível.
As palavras estão aquém do acontecido.
O texto mente uma coerência interior.

Escrevo nesta tarde sibilina
em que o vento vulnífico
fere os nervos tensos do corpo.
Que digo?
Que sou homem.
Que estou vivo.
Em cada verso destilado repito a odisseia
através do quotidiano constelado
com vicissitudes e dissabores
e algumas alegrias.

Mas há o êxtase.
Voz veloz da graça que cai
e explode
como uma flor na primavera do sol.
Sentimento lento do espasmo
antigo que subsiste no clamor
da terra.

Terra!
Dizer-te mais uma vez.
E sem contradição
ligar-te ao êxtase.

27/4/77

IX

Torvo limite o do homem.
Um só corpo.
Mas inumeráveis apelos.
A angústia.

Palavras alicerçadas:
azáfama, dor, febre, horas.
Destino esse que cresce sobre as ruínas
do ocidente mal alimentado.

E a beleza solitária do verbo.
Silvo só no arremesso
através dos ares.
Puro alcance sem distância,
ânsia,
espasmo do real.

Esse areal fluctífero do nascimento outro.
A leve brisa salgada nas narinas.
Uma dimensão cósmica.
Um sonho acordado.

Mas tudo cresce, quero dizer, tudo
recobre a alma soterrada do século
que viu a morte parir
as monstruosidades vulgares.

X

Com ardor e suor balbucio as palavras
que transparecem a profunda ignorância
do meu ser.

O mundo surge como confusão,
milhares de vozes que dizem
o desencontro e a contradição.

No meio eu.

Alvo para todos os enganos,
olhar em todas as finas direcções.

Mas digo-me quanto vivo.

Não esqueço o sofrimento do quotidiano
incapaz de outra coisa,
estes passos sepultos na mecânica ordeira
dos gestos,
estas opiniões ou ideias surgindo
como esgares sebentos do mesmo.

Há a alegria do sexo quando consumado.

O amplexo,
a estreita humidade da carne outra.

Que mais?

A amizade que rouba à morte
as horas a mais dos dias submissos.

Que mais?

As palavras que titubeio com fereza
na serenidade cadavérica deste tempo.

XI

Sinto nuamente a solidão.
Não a ausência de quem por ser é querido.
Nem o isolamento no espaço.
Mas a solidão que só existe sentida.

Não como qualquer coisa,
mas sendo o imo mesmo do que me aflige,
realidade ou ficção,
emergência na consciência dessa palavra
que diz solidão.
Por isso a sinto puramente,
incorporada no grande mistério
do meu ser,
voz de um estado indefinível.

De tal maneira a sinto que gravito
em torno dela,
incapaz de fugir ao cerco tecido
pelo insentido que ela me traz.

Solidifico-me no sentimento:
o destino que só é meu
aparece como uma íntima visão interior:
abro-me de encontro ao clímax da dor
e recebo o preço de ser só.

XII

Diante da inglória ignorância
que é a minha
levanta-se o clangor do mundo.
Espasmos e faúlhas no corpo empobrecido
pelo aparecimento dúbio da máquina.
A razão, arte ontem de ver,
esbarra contra a clareira do fumo,
a sensibilidade não está apetrechada.

Assim, tal um barco vagueando solitário,
vou, incapaz do voo da ave
ou do mergulho do peixe.
Vou pela terra mãe dos povoados
onde os homens escolhem viver.
Assim, tal uma vida sem sentido certo.

Leio os livros contraditórios do real.
Ferve-me o sangue ainda jovem.
Compreendo-os todos, um de cada vez.
Juntos trazem a sinfonia do caos.

Que fazer?
As verdades são cada vez menos eternas.
Como viver?
Os caminhos levam para o sem fim.

Apanhado no turbilhão coetâneo
tento as palavras
para com elas escrever estadia.

XIII

Abro caminho
através do brilho sonoro
que explode na prática poética.
Um gozo maior
que a saída espermática
atingida nas convulsões do amor.

Ou a mentira.
No dizível o êxtase da carne espiritual.
No sonho o outro lado da existência.
Ou o silêncio.

Selvaticamente expludo.
Destino sem tino.
Epopéia de um só grito tenebroso.
A época da vida.

Virtualmente ligo-me ao simulacro
da morte.
Um falhanço como eco da sorte
que se entranha no espírito doente.
A magia fica,
derrotada ou não a batalha verbal.
Assim como o intento.

XIV

Há algo que atravessa a poesia.
Um sólido movimento.
Uma face edulcorada da sibilina força.
Um esforço terrível que não alcança.

Transmito ao mito de hoje
a ânsia do cio ciciado ao ouvido
ido da demência,
um jogo grave
que galvaniza a dor humana
sem homem.

Tal como um desespero ínsito.
Acracia de alegrias toldadas pela fome.
Na abundância exuberante
da miséria da condição terrestre.

Cada poema é um protesto.
A vida quer viver.
Eu quero ser.
Protesto com amor e ódio o desterro,
o deserto.
E cada poema tem um preço.

XV

É noite e o rumor rasteja contra as fachadas.
Vivemos na cidade enclausurada no ódio
e no tédio.

O trabalho diário envelhece-nos
asperamente.

Deitados sobre as camas sitibundas
pretendemos esquecer a escravidão.

O que fizemos.

O que fazemos.

Passa a vida em nós como um rastilho
da explosão infrutífera.

Os filhos que nos fazem estão longe
e dizem outros mundos incompreensíveis.

A noite traga a esperança
que nunca ousámos ter.

Somos cansaço e vazio.

Ralhos da juventude na memória.

Os superiores do emprego.

Os estuporados deveres.

As dificultosas aflições.

A ameaça de amanhã ser mais um dia.

Não, antes morrer!

Ou mudar completamente de vida!

XVI

Propalo o sol, astro irreversível
que gera a luz
no dia,
o luar na noite
quente do verão anímico.

Assomo por entre as palavras perfunctórias
para dizer vida.
Que aqui estou.
Clareira de estranhos rituais
libertos do hábito e da opressão.

Insulto a génese.
O apocalipse.
Os ciclos redondos da acalmia.
A razão de não a haver.

Abalroo as instituições sangrentas
da ordem cadavérica.
Dos rebanhos sazoados pela mudez.

Crio com suor e angústia
uma palavra
capaz de abrir o homem para o mistério
que ilumina tudo e nada,
esta nossa dimensão indizível.

XVII

Aprendo com outros poetas a sensibilidade
hoje moderna. O espaço fúlvido do amor.
A segurança caótica dos tecidos tutelares
que fecham o olhar do mundo de fora.
Com eles soletro a arte taumatúrgica
que se pensa quando destrói as cinzas
de um outrora. Neles a história
explora a riqueza torpe da imaginação
desgovernada. Assim leio o mundo
perpassado nos seus célebres cérebros,
revejo a dimensão do desastre,
pressinto a periodicidade dos génios.

Aprendo talvez a impossibilidade real
de aprender. Sinto contudo o brilho
mediocre dos raciocínios inteligentes,
como vazios álgidos no eco oco
do deserto entregue às rochas vis.
E mesmo cercado de flores e mitos,
dos elementos que a origem ama,
como a água, o fogo, o ar e a terra,
não vislumbro um só indício da vida
como a mal vivemos no nosso século.
Aprendo assim a lição terrível da fome.

XVIII

Esquálido e adusto e pávido tirocínio
do fingimento.

Sobre o frémito maior da ousadia
a neblina de escarros e de morte.

Falo-te da sinceridade.
Da arte como salvação impossível.
Da necessidade ingente de ser dito.
Da loucura, doença e cura.

Com palavras tamisadas e impuras
trago-te a carta da odisseia coeva,
digo-te as casas que não protegem
e os caminhos que alicerçam espinhos.

Falo-te da autenticidade.
Do sentido elivoso interciso.
Do espasmo da vida que sofre
a funda injustiça da irrealização.

Escrevo uma dessemelhança.
Selvagem ardor do sexo vivo.
A vida como essência do pensamento.
A poesia como imagem da confusão.

XIX

Certos são os livros de hoje
que me trazem a voz do desassossego,
apelo do futuro,
testemunhos do mal-estar presente.

Não consigo lê-los sem chorar.
A vida minha está no porto irrecusável
da mediocridade protegida
nas casas da loucura.

Sou mais do que nunca o que quero ser:
um homem.

Povoo a terra com migalhas possíveis
da mesa luxuriante
da tragédia.

Sou o dentro que passa no tempo,
construção e destruição,
sou também a superfície espelhada.

Mas a vida? Relembro o furor do sexo
na pacacidade mórbida da sociedade leda,
a sensualidade juvenil do meu olhar
quando percorria com tacto
os corpos sedosos e sólidos
das mulheres coesas.

Mas os livros dizem caos e morte.
Sibilam os ventos quentes do deserto.
Que escrevo na pele do tumulto?
A mesma náusea, o mesmo esgar?
Penso que abro o caminho do homem.

28/4/77

XX

Mas a realidade de haver dias e gestos,
a realidade de ser,
homem ou o que quiseses,
a realidade onde de qualquer maneira
estamos inseridos e arfamos.

A sólida estrumeira do pensamento hodierno
incapaz de dizer o caos.
A folha da heráldica que esgota o sangue
tantas vezes inumano do homem.

A guerra sombra de um futuro.
As armas que se dispõem a acatar
ordens do insubstituível.
Horror e fétido arremesso
do ódio que quer vencer o brilho.

As classes. As classificações. A ordem.
O rebotalho aracnídeo da história
que avança repleta de histórias
que se contradizem.

Ah, sim, a realidade de eu ser eu!
De estar cercado de tudo
e de conter no oco de mim o nada,
insentido.

XXI

Traduzo em efêmero o opimo desgaste
da inteligência. O cansaço esurino
dilui a arrogância das palavras.
O pensamento fatícano olha em redor
o fedor hodierno das manifestações
culturais. A morte balança o auge.
Campeia a confusão, frio ardor.

Por isso o livro eterno é mito ou gozo.
Deuses são os mortos. Mas a vida alível
deturpa o sentido querido impoluto.
O sangue da contradição é real,
espalha-se nos arredores da alma
e diz os lances coevos da fatalidade.

Angústia polígena. O medo.
O suor quérulo nas células do desastre
quotidiano. Tempo. A cadeia, a candeia.
Na grécia hoje o verbo luz.
Coerente desperdício da semântica.
Mas a torpe leviandade erige-se monumento.

Poema incoativo. Ascenso e descenso.
Postremo horizonte da legalidade
estética. Tétrica voz a do silêncio.
Um arrepio. Um frio. O clamor suado
do tumulto que delira e é loucura.
Poema flexíloquo este que revela
a ausência como uma profusão de signos.

XXII

Sobre a hora remissa paio como uma luz
capaz de inscrever na história o ritual
inacabado do fogo icástico. Sou a nau
semiânime que voga no mar vicinal.
Trago as velas fordas de desejos.
Mas o quotidiano fere a ânsia de paz
e deixa no homem o travo da podridão.

Sei o cansaço na semelhança. Anelo nugativo
este que alcança o cerne de um mim mesmo.
Salva-se a psicologia da paráfrase?
E como reabilitar o zelo pela morte?
Sei a confusão do século. Por isso digo
amor como um abstracto facto consumado.
O corpo da mulher, tão rijo e aberto.
Vígil penetro-o. A carne fende-se. Venho
de longínquas paragens até ao morno
das vísceras húmidas que chamam esperma.

Mas não sou luz. Antes a energia que perco
no marulhar dos dias desertos. Ausência
é o novo crime. Esta imperfeição ignóbil
que se diz impudicamente arte poética.
Não desfaleço. Mas sinto-me só e nefasto.
Outros ganham os espeques do contemporâneo
nos livros servis onde se canta o caos.
Mas a matriz não é um mito tacitífero.
Nem a loucura percorre o caminho sédulo
da recompensa. Onde a casa, a cama, a vulva ?

XXIII

Transpiro o vurmo vulturino. Essa inspiração
ainda ontem poética. Hoje impura ignorância.
Derivo as escadas da inexistência, zotismo
onde caio como a palavra excelsa que diz
a transparência de uma realidade multímota.

Mas o velho impressivo arvora-se. Poema
paulatino que desmente a hora. Sacode-se
a poeira antiquíssima da viagem sempre.
O grito apócrifo desfigura o cu da terra.
Como um corpo doente, uma alma turbulenta.

Assim dos dias meus. Sem sintaxe nem semântica.
Puro fluir das palavras atraídas pela desmedida
que as sensibiliza. Um estádio intermédio
entre a loucura e a razão: poesia nasce
como lava do vulcão, o fogo terra declive
deslizando sobre a face grotesca do real.

Sublime mimese. Álveo minaz e vulgívago.
A escrita estrita da emoção conceptualizada
no desaire. Apojadura e luxúria. Abundância.
Num tempo seco e sáfaro e deserto e estéril.
Mas a vida exige-me os sinais hílares da viagem,
obriga-me ao esforço diário da catarse mítica.
Escrevo os desvelos celsos do tédio tosco
onde a civilização morre. Chamo o futuro
com a voz que forjo na militância do ócio.
Quero prazer e descanso e muito amor.

XXIV

Meu destino é esfinge. Sucessão caótica
da linearidade dos dias rapaces.
Brotar de perguntas sobre a estadia
do homem na terra insalubre de hoje.

Sobre o tálamo a súpula dos desastres.
A bomba que espreita e quer morte.
Os conflitos, outras internacionais derivas
do medo moderno. A dor. O pejo.

Desfibra o verbo insone as leis inermes
da paz fedorenta. Os homens devem ser
animais cordatos e cordeiros. A ordem
exige castração da juventude em fogo.

Halo infrene a música que inebria
e corrompe o fasto fastidioso do século.
Os corredores absurdos da tecnologia
criam autómatos capazes de gestos ilesos.

Um poeta teima sentidos com armas sonoras:
no papel branco do incongruente anonimato
desflora o real com raios e tormentas,
desfigura o sonho com arremessos de esperma.

Para que a vida seja. Calor de corpos nus
no amplexo. No sabor das tarefas repartidas
e singularmente vividas no âmagô fraterno.
Assim se faz uma poesia que não fere.

XXV

Aproveito o silêncio súbito da casa
na ausência dos outros
para dizer.

Dizer.

Estrepita em mim uma ânsia nova como o dilúvio,
uma alma canhestra que irrompe aos berros
para nada dizer de gramaticalmente concreto.

Fico com a impressão. Esta bruxa necessidade
de me sentir escorado, mesmo pelo nada,
ou pela total rarefacção.

Um poema desgovernado, isento,
mas capaz de sugerir a liberdade interior
que nasce e morre como um soluço alado.

Edifício talvez a auxese. A cesura.
Introduzo na vida quotidiana
a luz de uma díscola harmonia.
Equóreo alvor da consciência.
Grito imenso sulcando a profunda apatia
da palavra que hoje reina
e submerge o mundo dos homens cegos.

Talvez um bisonho testemunho do futuro
como este poderia ser se quiséssemos.
Mas estamos no mergulho do presente subsecivo,
suasivo êxtase da hora que explode
com uma dimensão desconhecida do tempo.

No sorrelfo silêncio deixado na casa turva
escrevo com paulatino amor as palavras mágicas
que chamam a felicidade e o carinho,
para mim e para todos neste mundo solvível
da soníloqua trepidez do desencanto.

XXVI

Sobre o treno moderno das vozes lúcidas
paira como a águia intrusa o úvido canto
da terra que sou.

Tremulina áspera ao contacto do hábito,
sede do impossível que ainda não se tentou.

Fístula na muralha do ódio e do medo.
Este poema proceloso que diz a aventura
da civilização estar esgotada e moribunda,
a aventura do salto que será preciso dar
através dos meandros da volição prístina.
A aventura do nascimento no íntimo do homem
de outra paisagem com outras vicissitudes
e segredos, contada e veiculada com as palavras
que existem e são tão poucas!

Sobre o velicativo canto coevo
digo a raiva e a confiança, o susto ontológico
capaz de trazer à vida largas camadas
da população anímica. Quero-vos despertos
como a aluvião que desce e se deposita
na fertilidade dos campos ainda ontem mortos,
quero o irrazoável que implanta a ousadia
de um amor diferente, universal como a amizade
que poderá unir os homens irmãos.

Aí jazo, eu e a minha tão sinuosa poesia,
aí desejo a semente solenemente humana,
o brilho da tensão que origina pão,
a dor assumida como uma improvável orgia
dos sentidos demasiado vívidos e coesos.
Nada me poderá fazer calar o gosto da vida
que percorre os nervos e as veias,
e atinge o auge na erecção do sexo,
tudo me repete o desgaste do mundo moderno
com as imagens mais sombrias da imaginação.

XXVII

Como dizer este uredo, esta fenda no plexo
da sensualidade arreitada, a vontade interina
de me deitar ileso sobre o lodo da terra nova
para captar através da osmose o canto fléxil.

Vinte e cinco séculos de mentiras e engodos,
um homem como resultante máximo do cansaço
e já sem forças para colmatar o vazio tenso
que nasceu timorato com o decorrer dos anos.

Só a terra permanece jovem como as estações
que continuam a dizer a novidade dos ciclos,
das chuvas que caem como fogos da imagem
que purifica o homem das poeiras devastadoras.

Bebo a água e como o pão. Mistério. Amor.
Aperto o corpo da mulher ao lado e sinto-me
um estranho destino irrealizado, breve
desmaio da nossa tão condição humana.

XXVIII

A longa discência da vida nos anos sentidos
como estações que vêm e vão.

Acumulam-se as experiências e os gestos,
o corpo muda, o espírito é outro,
o mundo sofre triviais convulsões.

Escalámos a infância dúbia,
gozámos a adolescência truculenta,
dissemos com horror um sim à idade adulta,
fomos pai para que o universo seja.

Aprendemos talvez a morte. A interrogação
devoluta dos olhos espantados frente
ao mistério. Nascemos e passamos.
Pensámos ser felizes no calor do verão
e quando a mulher disse as carícias
que o corpo deseja. Sofremos os ódios
das desigualdades, das injustiças, das classes
que se digladiam com raiva ou entorpecimento.

A casa mítica e ancestral não existe.
Outro é o tempo. Sucedem as horas invitas
do século putrefacto, as interdições.
Saímos e entramos. Mudam-se as concepções
da vida, flutuam as filosofias, deterioram-se
as visões que outrora foram plintos
da luz que povoou a terra inocente.

Agora só existo. Vejo e ouço os outros humanos,
a vizinhança que dorme ou goza o entardecer
do que lhe coube como destino ou história,
sinto-me mal no caos injucundo da civilização servil
que expulsou a ideia da liberdade possível.

XXIX

Emprego com ternura os verbos fictícios da vida
que existe nas veias e artérias do ocidente.
Tento reviver a origem, a luz, o silêncio.
Assim, junto à história dos séculos humanos
a desrazão de possuir uma liberdade escondida
na selva pura dos meus anseios e esperanças.

Estaco diante do horizonte e peroro a causa
ainda ontem justa, forjo o gosto do futuro
nas palavras que transparecem de medo,
junto ao silêncio o rumor diurno do amor
que mareia o universo subterrâneo,
coarcto a dispersão com análises ferozes
ao quotidiano que nos engana no brilho.
Contamino o tempo com a loucura suave
da reflexão húmida, debuxo o espaço
do ilimite nos papéis do génio, lanceio
a apatia dos confrades nas poéticas servis
que teimam em cantar um caos acomodatório,
magnetizo o mármore dos destinos torpes
que procuram o poder das praças populares,
varo o olho ciclópico que oferece traição.

Cada verbo zimbra o encanto subtil da casa
onde homem habito com os demais, a podridão
lança as chamas dos fedores acidulados
que pairam como nuvens de morte
sobre a cidade indefesa. A peste branca
dos nossos sonhos e das nossas misérias,
estas palavras essenciais como o percurso
sinuoso da história que escraviza o homem.

XXX

Sob o tonitruante halo da luz solar
sua uma existência infeliz.
Nascem dentro de mim percalços
que não posso satisfazer,
vozes que me exigem uma carnificina,
um esgotamento das vísceras revoltadas.

Penso que é a imagem do tempo.
Tudo sem dúvida teve uma origem qualquer.
Afogo-me no vago da abstracção.
Evasivo anseio o concreto da vida.

Apalpo corpos amigos que falam e dizem
palavras humanas como amor.
Jovens mulheres do sonho antiquíssimo
que povoou a minha consciência dorida.

Mas a luz invade-me com uma energia
onde expludo. Não é já a raiva. Nem o tédio.
Algo vive-me e eu não sei. Tudo parece
na mesma. A vida joga-se no logro.

Mas a luz. Este sol solitário que debita
os raios da morte sobre o espírito.
O corpo isento como um cataclismo.
Sei que a terra é a minha angústia.
Mas ignoro o sinal que me guia.
Chamaram-lhe destino no tempo dos deuses.
Hoje é deserta a praça dos homens.
Nem tragédia nem rebelião. Um amorfismo.
A extinção da vida nos escaninhos secretos.

TERCEIRA PARTE

I

Quanta da alacridade foi um engano!
Deixá-lo! Embalde choro a razão perversa
que me insuflou de história. As palavras
dos poetas escondem o enigma
do crime. Há um destino para a poesia
que acompanha o homem ferido.
Digo-o com humildade e lucidez.

Regresso à alacridade. A vida flui
tal uma menstruação sazoadada.
Junto à imagem de ontem o sofrimento
de agora. Não escolho o acaso.
Exploro com sisudez o crime inusitado.

Digo: eritróide. Necedade. Viticomado.
Palavras! Quisera um dia ser o livro
da totalidade. O pleno da inteligência
com a exuberância da sensibilidade.
Por isso digo: vápido sonho o de agora.

Há a vertigem da alma. Exulto possosso
o processo da única verdade possível:
a confusão de valores no mundo salaz
que vive o onirogmo como um crime.

Apainelada visão do finito ultimado.
A sucessão de palavras que significam
a esperança no som que da boca sai
como uma melodia capaz de equidade.

II

Anos houve em que menti.
Visceralmente intruso do jogo profuso
da vida deixava-me vaguear
pelos sentidos como o anúncio
da queda ou o seu declive.

Transportei o nojo e o ódio.
Vi a exploração desenraizar o homem
e contemplei vaziamente o sangue
daqueles que souberam cair
na desgraça e no opróbrio.

Havia mulheres que me tocavam ardilosamente
com partes do corpo. Soube assim o sexo
e o vagido, a humidade quente
e a boca sussurrada na cabeça do pénis.

Mas a mentira subsistia. Escrevi então
só livros que a loucura poderá ler.
Tenho-os ainda na gaveta mítica da sorte
de toda a poesia. O caos colhe o prazer
do sofrimento que fere a terra.

Agora estou limpo como um fruto.
Compreendo o passado sem apreensão
e esqueço paulatinamente a origem.
Talvez assim o fim surja diferente.

III

Álgido goliardo sou no insulado deserto
da civilização ocidental. Junto ao híspido
testemunho do passado o desperdício presente.
Não creio criar nada de novo. Mas teimo
o verbo da liberdade que quero e almejo.

Leio o asseptizado fenecer do contemporâneo.
As palavras gastas. O estrume velho.
Discursos poéticos fracturados
como o desastre. Balbucios e fezes.
Dizem que significam. A comunicação
está ausente, perdida ou indesejada.
Puro nada. Abreviaturas do apocalipse.

Só eu escrevo o tardígrado lodo.
O encruado e incendido estremeço.
Só eu profiro a voz esquálida do espaço
livre da esperança, esta ânsia sem nome.

Escolhem-me os sentidos os vocábulos renascidos
do museu dicionário. Noutras línguas
busco a chama capaz de despertar
os homens lerdos do século homiziado.

Sob o frio da superfície dita pelo olhar
escondendo o sangue quente da paixão,
esta azáfama dos redemoinhos de ideias
que brotam da solidão como flores do mal.

IV

Também eu sei no amargo desgosto
o sabor dispéptico da morte quotidiana,
os passos dados no teratológico deslize
da consciência. Sei como um ignorante
qual a experiência e como, trago
na memória o roubo e o crime
que povoaram os tempos da cultura.

Desconheço o preço do sal.
Desmereço a vida traumatizada
pela anquilose da estupidez e do fastio,
jovem deram-me a escolher o automatismo
do bom comportamento.
Sei que fugi. O longe atraí.
Aí conheci a face escondida da terra.
Mais exploração e cansaço.

No clarão da noite enlouqueci.
Vi as avessas do universo e chorei
achado a angústia do novo homem.
Mentira os livros ensilvados.
Só a carne é magnânima e boa.

Soprei a luz fúlgida da dessemelhança
e amei estranhamente o desencontro.
Era outro. Depois, siderado pela doença
regressei ao lar. Vi a pedra e a cal.
Mas a casa tinha sido um sonho infantil.
Agora vivo no vento a alegria tamisada.

V

Entro no universo dos sentidos. Sou criança
dentro. Aprendo a soletrar os verbos da cidade.
Chamo a mulher e digo-lhe: ama-me.

Tudo quase tão estranho. A verdade
não é a morte. Nem a vida. Mas a sorte
que te cabe. A visão do mundo desértico.

Escrevo com sangue a memória.
Saco roto de passagens das horas.
Escondo o grito que povoa o século.

Impossível é viver.
As máquinas que nos traumatizam
trazem o veneno semeado na consciência.

Saio da palavra e vejo o redor.
As fábricas do desespero terrestre
deitam pálidos fumos da desesperança.

Morrerei jovem sobre um leito líquido.
Rio e choro. A doxomania está vazia.
Sobressai no meu ânimo a alma lírica.

Digo à mulher que me chama:
vem!
E perdidos no prazer vogamos sem horas.

VI

Só para escrever o sono.
O melhor dos dias despossuídos.
Os olhos que se fecham para o real
impudente abrem-se para as faixas de luz
interior. Outro universo. Na cama.

Épocas assim em que o insentido insurge-se
contra a grandiosa manifestação do nada.
Acordo e adormeço.
Hoje como ontem e sem dúvida amanhã
o mesmo tédio. Porca civilização
de cadáveres.

Dir-se-ia que só eu arfo. Sexo.
Sede. Alor multisciente na praça flente
que finge vida na opacidade dos poros.
Colabescente mundo mecânico.
Passam, eles passam como sonâmbulos magoados,
dizem o fastio sem sombra de mistério,
gozam o clima da regra e da lei.

A cidade sabe mal como parir.
Mulheres obrigadas a ser jovens
abraçam-se ao desconsolo da civilização
caquética, as crianças esforçam-se
por comer a estupidez institucionalizada.

Nem pátria nem país.
Um trabalho ignóbil desfeito em cansaço.
Fins de semana na cama do exílio.
A prisão também pode ser livre.
E a liberdade um engano.

2/5/77

VII

Nada aponta para o êxtase. Da carne
e do espírito. A poeira antiga e coeva
jaz sobre os monumentos do ocidente.
Homens há que pensam viver.
Gesticulam até ao suor
para provarem ao espelho que são jovens.
Outros desfazem-se fisicamente
sobre corpos vazios de mulheres.

Mas nada aponta para a criação.

Poetas há que compreenderam o crime
e afastaram-se das regras do jogo.
No silêncio das casas ainda impossíveis
escrevem desesperadas palavras.
Mágicos sons da génese.
Sortilégios sacrílegos.
Depois espalham pelos subterrâneos
a flor da vida. Escolhem os esgotos
do povo escravizado e lêem com raiva
o porvir. São os criminosos,
foras-da-lei. Trazem o veneno capaz
de incendiar as pedras da cidade servil,
querem a todo o custo a vida liberta.

São os homens do impoder.
Dizem que só a liberdade efectiva
é viva.
Tudo o mais resume o fingimento.

VIII

Quero que sintas o prazer orgíaco
que sinto quando escrevo. Dou-te palavras
capazes de carícias. Sopros espirituais
que podem preencher as horas solitárias
da meditação. Abre-te ferozmente
aos sentidos que povoam a sensibilidade
de hoje, joga com os êxtases,
escolhe o preço da tua liberdade.

Sei a dificuldade de se viver
sem bengala. Uma ideologia acomodática
ou as mais íntimas convicções.
Quero só que experimentes o verbo
da loucura,
as alturas do sonho vivido como uma hora
redimida e sem religião.

Por isso te digo: lê-me!
Soletra cada palavra quente que te escolhe
como o leitor privilegiado,
sente a amizade sem relação,
o calor animal do olhar solitário
e fordo.

Não te ofereço espeques
nem certezas. Apenas o puro desfibrar
da consciência que me fere.
Certas palavras mais prementes e ricas
que a vida
que te deram no nascimento.

IX

Pobres dos nossos quotidianos sem sangue.
Colmatados com erísticas eubióticas
que enganam a sensibilidade sofredora.

Pobres os nossos passos pisando o tédio.
Os nossos espíritos calcorreando o suor
dos caminhos já traçados de antemão.

Que destinos são estes? Que culturas
as nossas? Chamem-lhe com alarde
civilização ocidental. Solenemente.

Há-os que são ricos e gozam a torpeza
da desigualdade. Tão boas as termas
e o descanso! As férias com ordenado!

Há-os que nascem sem fraldas. Viverão
na fábrica ou no campo a infelicidade
da ignorância protegida pelos governantes.

Podres os nossos amores. A explosão do sexo
quando a idade é própria. O casamento
difluindo como a angústia do sempre o mesmo.

Podres as nossas mortes dessacralizadas.
Terra sobre a terra ignara. Um findar
pesado como o sofrimento não assumido.

X

Vejo sob a aparência da ordem atrabiliária
o excídio mais bárbaro. Sinto as forças
do homem ocidental depauperarem-se. Ouço
os vagidos dévios das infâncias obumbradas.

Nas assembleias do povo falam os chefes.
Da produção. De objectos. Não da riqueza
humana. Levantam os braços rouquejantes
no fingimento da raiva. Dizem, no auge
espúrio do esgotamento, palavras de ordem!

Eis o que têm para nos oferecer,
uns e outros,
dos dois lados da barricada:
regras, leis, ordens.

Governam os safados. Aprenderam
nas altas escolas do mundo a maneira
mais hábil de levar o povo ao rebanho.
Guardam com orgulho os diplomas autorizados.
Gozam a impotência com beijas poluídas.
Cultivam a ausência do sangue
que os denuncia. Espalham o amor
e a paz. Com sorrisos e ossos verbais.

Mas o mundo não é só inanidade.
Homens há que buscam na vida diária
o sumo da luz. O clarão da lucidez.
E com palavras recém-nascidas escrevem
o apelo a um futuro de liberdade.

XI

Deixo-me percorrer pelo acaso.
Palavras! Quando a solidão significa
a cegueira dos homens e o gosto da morte.

Labuto sobre as ruínas contemporâneas.
Aproveito as puras cinzas da raiva.
Com elas recapitulo o mal das gerações
e as classes do universo terso.

O movimento. Comum.
História propícia ao logro,
esperança que subsiste como aliança
com o calor do corpo exangue.

Trago à consciência os delíquios,
ponho água nos sulcos da terra macróbia,
acaricio a promessa de uma mulher
capaz de futuro.

Aqui o lugar é outro.
Outro é o vento que sopra através
das árvores nascidas na imaginação,
outro é o lugar onde se reúnem os homens
salvos do cataclismo ocidental.

Uma ilha. Uma clareira.
O sopro quente da amizade sem chefes
nem ordens. O impossível já revérbero
do sol que nos alimenta.
Uma poesia inclassificável.

XII

Repentinamente venho até mim
com um fulgor de silêncio que queima.
Os olhos fechados. Luz. Sinto que palpitam
no meu corpo estranhos esboços do inefável.

Grito.

Sulco o espaço medular de um século vicioso.
Corto a faca.
Abro-me ao temporal anímico.
Um só segundo. Um sopro.
Terrível.

Nem as estéticas estão preparadas.
Finjo que sou homem.
Estabeleço a distância que me separa
do real. Um arado intelectual,
uma memória risível.

Transpiro o súbito susto.

Esmorece o interior clangor do espírito.
Descida ou não, fui outra carne.
Um começo. Um estremeço.
Agora escrevo o que disso ficou.
Tristes palavras do limite.
Risonhos acenos da comunicação humana.

Estou outro.
Livros que teimei escrever
enganam-me. A leitura é certa,
quando o alguém da escrita se pensa
como revérbero e reminiscência.

5/5/77

XIII

Sobre o salso e salaz mundo da escrita poética
deposito a vida, tautologia talvez gratuita
da ideologia.

Avulsas palavras que não roubo.
Nascem como espelhos animais com cio,
ferem a estesia
e deixem a marca do tempo nas folhas materiais.

Debuxo o sórdido mecanismo da inspiração.
Fuga. Solitário tesão. Angústia
sem morte. Um olho vazado, ânus taumatúrgico
do contemporâneo.

Digo o sofrimento exausto dos dias balbos.
A imensa nostalgia pelo inexistente.
O raucíssono estridor da chuva cava.
A viagem talvez impossível do eu.

Jáculos de febre tecem dicionários inúteis.
A vida está aí. A minha.
Cidadela do desassossego e do cansaço.
Traço de união com o suicídio.

Agora me lembro. Sim, outrora.
Na exiguidade do quarto estrangeiro
sonhei o suor do estilicídio sem água:
um furto horrível ao tesouro iníquo
da velha alma.

XIV

Suporto a fedentina do embotamento actual
que sacode o universo dos masturbadores
da palavra.

Colho confusão sem salvas.

O mijo dos deuses hoje mortos que pastam
os olhos invictos da mediocridade.

Trago no meu vazio sem sombra de génio
o feraz discurso da crueldade.

Outro mito, outra desgraça.

O poema é uma faixa de terra na firmeza
quase milenária do ócio. Um cuspo.
Um coágulo de sangue. Raiz e esperma
do descontentamento e da ilusão.

Estranha ciência da consciência.

Apelo telúrico do abismo que desce
ao simulacro do inferno inacreditável.

Espasmo. Dizê-lo com veias saídas
e rubor. A distância que cerca o desmaio
da condição inumana. Espelho e dilúculo.
Anseio. A espera enlouquece. Os dias
surgem com o rosto do mesmo.

Soletro soltas palavras. Alígeras vozes
de hoje no tumulto dos tempos
históricos.

Uma pedra que rola.

Uma faísca no começo da esperança.

Viagem sem limpeza.

Acumulação de carne e ossos.

XV

Quero chegar e tocar na vida.
Na concreta dispersão de um fluir ancestral
e mecânico. Quero ser. Homem
vindo da ignorância dos sexos sequiosos,
indo para a informe frieza da terra morta.

Mas entretanto desejo permanecer no centro
ou na periferia da vida. Receber os testemunhos
vitalícios da carne e do espírito. Com amor
e raiva.

Penso às vezes que não estou no homem.
A vida que prodigalizo surge-me alcapões
do estático. Um sono. Um terrível
cansaço. Apetece só dormir, se possível
para sempre.

Não é a morte.
Mas a vida da larva.
Ctónico subterfúgio do espírito acossado.
A paz nas migalhas do sono lucífugo.

Admito contudo que sou um estranho.
Alimentei a ilusão da família com pais
e filhos, macaqueei até ao ridículo
os gestos gastos do homem adulto,
disse alegremente os truísmos claros.

Por vezes saio de mim e reconheço
a mentira. O engano.
O universo não sabe conter-me desperto.
O reverso é apenas uma imagem.

XVI

Prono a sentir o vazio do destino.
Calco a obsessão até que dela sai o sangue.
Pergunto-me por que não usei o outro verbo.
Não sei responder.

Indefesso percorro os caminhos possíveis
da poética exangue. Só desolação, secura
e deserto. Nem uma única face
de mulher, um único corpo votivo de carne.

No escaninho escuro do logro da memória
nada relembro.
Deixei de saber ler. Vejo apenas sinais
após sinais. Dizem. Mas o quê?

Um fescenino revérbero primevo
sai da terra silenciada. Aí vejo e desejo
a dança do fogo, os quadris da fêmea,
o sexo peludo que chama. Sóbria visão
a do desengano.

Deito-me sobre ti que arfas e gemes.
Mas não sou só animal.
Um louco relógio trabalha os sentidos
e as memórias. Quero apagar-me na humidade,
entrar no discurso uterino da esmola.

Não caibo.
Cresci talvez demasiado.
Adquiri membros que não são viris.
Assim estremeço à porta do desejo insepulto
que me arrasta, arrasta.

XVII

Não sei ainda o significado íntimo de casa.
Nem dizer o mundo sem eu.
Na palavra tuitiva de hoje
ponho toda a possível beleza do universo.
Um aperto ponderoso na garganta.
O suor que madefica a angústia panda.

Passam por mim as correntes actuais
da escravidão. Homens nascem e morrem
sem saberem o gosto da liberdade.
Vêm para cumprir dolorosas missões.
Trabalhar a fortuna dos mestres abjectos.

Existe contudo o êxtase.
Saída de mim para o incógnito indizível,
momentos de total identificação
com o pulsar do cosmos.

Saio do talvez logro como iluminado.
Indelével. Imponderável.
Sulcado pela luz que enche o espaço do tempo
nas antinomias grotescas do humano.

Saio feroz como a voz
que diz.
A ousadia de um futuro que tarda,
as grilhetas que prendem o sonho possível.

Então olho a casa e não a sinto.
Não compreendo as portas
nem a ausência das mulheres sibilinas.
Nem o silêncio como escarro e solidão.
Olho e transfiguro o real com a odisseia
de uma vontade maior que a morte.
E sinto-me vivo e forte.

XVIII

Dou passos argivos nas areias do ocidente.
Contenho a memória do diálogo.
Escondo a inteligência da amizade primeva.
Furto-me ao olhar medíocre da hora.

Sinto-me uma aurora.
Leve no voo de pássaro rurícola,
transfigurado pelo ilimite do conhecimento.
Uma só etapa, um só alvo:
liberdade.

Desfaço-me das próteses e bengalas
do século combalido,
sozinho percorro o espaço da indiferença
e da ignorância.

Encontro possíveis sombras de rastos
e chamo os homens ousados.
Ei-los que gritam a felicidade
de um reconhecimento.

Somos todos homens.
Nascemos todos dos ciclos e das estações,
tivemos pais, povos, povoações.
Vamos todos para o mesmo sítio.

Digo sim à mulher.
Abrimo-nos como frutos maduros.
Sabemos o orgulho do tesão na carne sóbria.
Queremos explodir.
Criar com suor e gozo a imagem do brilho
milénar que deserta a terra.

Damos passos modernos sobre a lisura da morte.
Conscientes do perigo e do desprezo.
Mas o desejo é forte. E vence.

XIX

Sobe a manhã com os seus séculos gritos
roubados às crianças que ainda o são.
Brincam a vida sob olhares maternais.
Da janela ainda ontem insubstancial
diviso os jogos e a minha infância.

Fui forçosamente jovem. Lembro-me.
A rua da descoberta de hoje estar
aqui a pensar. Os amigos que cresceram
e são hoje homens e mulheres.

Lembro-me de outra maneira.
Sem amor nem ódio. Trago talvez em mim
as marcas deixadas pelos traumas.
Na carne que se ilumina. E diz
a recordação extemporânea.

Como os demais tive uma família e uma terra.
Nasci num ponto preciso da europa.
Numa hora concisa. Brotei do ventre
como todos os animais.

Quero pensá-lo assim.
Sem mais reflexões especiosas.
Pois então nasci. Vivo ainda.
Escrevo a novidade que é dizê-lo.

Sobe a manhã. Brincam no parque imperfeito
as crianças de hoje. Não me vejo.
Estou longe. Aqui. Na janela da casa
que dá para a recordação.
E não lembro. Finjo que sou homem adulto.
Mais um mistério na mecânica do real.
Do real que obriga o sentimento a ser
dúplice.

XX

Cai a tarde. Chamo-me à inspiração.
Só na casa auairo o silêncio.
Um estranho clima. Surpresa.

No quarto frio estendo-me sobre a cama.
Vejo o tecto. Ouço vagas vozes
exteriores. Fim de semana
nos dormitórios do progresso.

Civilização a nossa. Um arrote de cansaço.
Uma doença venérea. Susto sôfrego.
Fecho os olhos e espero. Sono. Êxtase.

A música é uma lutulenta memória.
Agora, se quero voitar, tenho de criar
eu próprio a ausência do medo e do peso.
Sou um universo escondido da polícia
e da política. Chamo-me homem.

Digo com secura a antiquíssima miséria
dos escravos que sobrevivem.
Sou uma consciência ferida.
Vigio o real que se manifesta
como profusão de irresponsabilidade treda.

Sonhei um outro hálito nos corredores
do mundo, da terra.
Uma outra força. Um espaço capaz
de todas as mudanças e sempre jovem,
um tempo de prazer exaurido até
ao cúmulo do amor.

Agora que os anos estão cada vez
mais perto da morte,
deito-me sobre camas aleivosas e fecho
os olhos para que viva no espírito
a realização do falhanço. Estranho
desfecho.

XXI

Constrangido pelo ganha pão do futuro
estudo na escola da mediocridade erudita
as palavras depauperadas de certos
poetas viticomados. Escrevo mesmo
sinfonias do irrazoável nos testes caducos
que me permitirão talvez um dia
ser morto.

Ganhar a vida é a mais difícil tarefa.

Que perdê-la resume-se ao truísmo
de todos os dias serem a rotina
e a náusea. Nada permanece alegria.
O pouco gozo auferido no contacto da mulher
sabe a um engano. Migalhas
do apocalipse.

Desfiz todos os possíveis planos. Não sei
em que lado fica o futuro. Vozes imediatas
vencem a tirania do real e comem o poder.
Aí estão os povos para as eleições.
Chamam-lhe demo cracia.

Os companheiros do exílio estão longe.
As cartas são poucas ou nenhuma.
Que fazer da minha vida?
Ganhá-la ou gastá-la é tudo
a mesma coisa. E o sonho? A teimosia?
Até a raiva esmorece. Tem idade.
Sim, sobretudo hoje, e mais do que nunca,
que fazer da vida ?

XXII

Aceito a graveolência contemporânea
como um forçado. Os ritos da mundivivência.
Escolho os silêncios como casas inexauríveis
onde projecto a riqueza humana.

Vivo no roldão da história catalogável
a minha história. Sem políticas nem esboços.
Vivo entre o compromisso.
Mesmo quando as gramáticas desacordam.

Não acredito em nada. As raízes do mito
buscam nos homens cegos a planície
do martírio e do sacrifício.
Não estou lá. Arrefeço o sol
que brilha sobre a monstruosidade
cíclica da terra. Preciso de energia
para firmar-me eu. Na solidez da hora.

Quando posso escrevo o fosso que me separa
da humanidade de hoje. Ninguém possivelmente
compreende a angústia da ignorância.
Mas a verdade nem sequer é uma parcela
da vida. Nasceu do ócio intelectual
que exige inexistência. E coerência.

A casa que habito não existe. É futura.
Os homens que amo não nasceram.
As sociedades que cultivam o amor
não sabem ser.
Possuo um defectível segredo.
Ter caído como uma estrela des governada
no passado que é o presente dos outros.

XXIII

Abro as portas fictícias do vento no poema
obsuro das entranhas. São quentes.
As águas correm sobre pedras reais.
Pássaros de tamanhos invulgares
passam voos imemoriais. A presa
plausível da imaginação infrene.

Aqui uma pista. Segredo segregado
ao deserto degredo do homem coevo.
A litania quantas vezes extemporânea
do medo. Mãos que suam, animais em fogo.

Sobe no ar a visão perecível do século.
Apetece cantar. Mas o grito claro da manhã
cliva o tempo. Esperavam sem dúvida
o espaço. Sempre foi assim, não desminto.

Mas a mente humana desfalece.
O cansaço sobrepõe-se. Digo dádiva
ao leitor desperto. Um braço estendido
no simulacro literal que é o poema.

Aperto. Ambiguidade. Como lê-lo?
Resta-nos a tentativa coesa do espírito
quando a vida permite uma pausa.
Enche-te de esperança para vivê-lo!

XXIV

Diante está o papel. Também o sono.
A tarde demora-se nos caminhos do sol.
O dia foi gasto na inutilidade. Abono
oferecido pela benevolência mesquinha
da civilização. Um domingo ablutador. Descanso.

Mas sei que na mesa pobre espera uma folha.
Amo a brancura misteriosa da ausência.
Reconheço contudo o desejo de enchê-la
com sinais e poemas, o acaso, a arbitrariedade.

Assim venho diário e maior tauxiar o nome
da tensão que me vive. Escolho surtos
de ritmos, vocábulos capazes de dança
e caos. Com paciência componho a arquitectura
do sonho. Alguns versos vessados na carne.

Hoje porém sou diferente. As lágrimas húmidas
que a dor acumula nos olhos extravasaram-se.
Fugi da luz e busquei a protecção das paredes.
Sobre a cama derramei todo o pus da existência.

Não é uma angústia nem um mal-estar. Apetece-me
dormir a fauna dos deveres sociais impostos,
encontrar no calor da inconsciência o brilho
da aurora que trará definitivamente a justiça.

Homens como eu sofrem a terrível secura
do século. Não sabem a que destino pertencer.
Vivem a estupidez das ordens que produzem
cansaço e tédio, suor icoroso do espírito.

Pouco a pouco enxameio o papel difuso
com alegres estigmas que dizem a hora.
Sou um testemunho do incêndio anímico
e deixo na pedra o lar do amanhã.

XXV

Apalpo o corpo. Minto para que seja poema.
Estirado sobre a cama estremeço o sono oculto
que me fere. O golpe do destino é um facho
no escuro da noite inexistente. Daí o som
que sai da terra, os ruídos destruidores
que dizem a injustiça e o medo.

Sibilinas vibrações da vontade poética.
Os campos alqueivados, os rostos fementidos,
as vozes sazoadas sem real substância.
Cada texto telúrico sabe corromper a seiva
da dimensão estética que soçobra.
Gritos, altos desperdícios da energia
escrava, passam os dias sem fumos nem jaças,
paralelos ao estertor da morte treda.

Mas os olhos vêem. Têm essa missão. As casas
povoadas de gentes que vivem a vertical
odisseia do sofrimento sem vingança,
as ruas marchetadas de sombras humanas
numa azáfama que encobre a solidão.

Existe no âmago o cansaço da velhice.
Ocidente cego rebuscando o diamante
do limite, bracejando sob o peso da idade,
tentando imitar o vagido da vida.

Eu que estou e vejo digo perdição.
Um sol vazado, sem sentido, disfere
os raios de luz em que vegetamos:
estufa amorfa a experiência do destino.

9/5/77

XXVI

Sei e sinto o círculo. Este espaço
acasalado ao tempo. Meu o começo. Hígido
sopro sobre o mundo. Sem adjectivos.

Despojo-me da panóplia febricitante, dos gestos
de outrora, das palavras que me serviram
de memória quando vagueei noutras partes
da terra. Esqueço paulatinamente a beleza
suposta de olhares de mulheres. Não chamo
os verbos que luziram na minha ausência.

Quero o calor do escuro estio na membrana
dos sentidos, o útero alvéolar, a fixação
proibida nas paredes. Estático é o desejo
que me norteia. Quero paz de espírito.

Sobretudo digo quanto ainda sou lúcido.
Mas a sombra da loucura é tão real
como um tropeço nas calçadas da cidade
empobrecida. Verto surdas lágrimas
do desespero. Chegarei à morte jovem
como um apelo? Ou deixarei pelo caminho
a pele que me protegeu da dispersão?

Às vezes julgo. Drásticos minutos de alor.
Desprende-se de mim um grito sem voz
que paira no ar como fendas da memória.
É disso que tenho medo. De levantar voo.
Por isso como a terra com o fito ignóbil
de ganhar peso e lastro. Os pés fincados
no mitológico chão da nossa condição humana.
Até quando? -pergunto. Até quando?

XXVII

Não posso dizer. Talvez seja isso. Um turbilhão.
Uma chama fúnebre na estética contemporânea.
Um clamor ctônico saído das profundezas banais.
Carnais manifestações do espírito trépido.

Eu que escrevo eu quando penso viver.
Uma lâmina cortando a porcaria acumulada
sobre o corpo. Do problema que me aflige.
Da existência que me dou.

Sempre o vulto. Silhueta do impossível
deslizando com ambiguidade nos poços de ar
da liberdade esbelta. Uma palavra aberta
que traduz a luz do estremeço da chama.

Vida! A minha. Acordar do fundo da noite
com a sensação icástica de não me pertencer.
De não possuir nem coração nem centro.
Mas um vazio capaz de repercutir o medo.

Que tenho feito da vida? Gozei-a? Perco-a?
Dia após dia o tumulto e a inanidade,
passos sobre as areias da imaginação,
um muro branco no limiar do horizonte.

Mas quero viver! Tudo e nada. Quero ser.
Reviver nos gestos quase falhados do dia,
respirar a presença do berço e da morte,
sentir em mim a ausência do impossível.

XXVIII

Cai sobre mim o pressentimento da crua
desgraça. Algures sou um desastre obsessivo.
Certas horas dizem o meu destino.
Esta luta quotidiana contra o desespero.

Confesso o medo. Animal acossado. Tresvario.
Falhei com compaixão todos os ideários,
todas as possibilidades de ideologia.
Sei-me só. Centro alvo. Núcleo no silêncio
da dispersão irradiante. Uma estrela
feroz sulcando o frio do universo.

Traio e transpiro a angústia. Sou
capaz de alegria e de abandono.
Mas paira sobre mim um estranho silvo.
A canção despovoa-se. Nasce e morre
o milagre. As faculdades intelectuais
mostram o caos das percepções do mundo.

Sofro. A terrível dor. Ser consciente.
Possuir antenas como sexos em erecção.
E os orgasmos deixam o pus do tempo.
O declive. A queda do sinal no homem.
Penso a vida e não sei vivê-la.
Mas como? Como ir mais longe? Ao fundo
do desassossego? Ignoro os caminhos.

Soube o êxtase. Sem palavras. Voei veloz
trespassando o vórtice, o corpo febril
com tanto cio, cicio do irremediável.
Agora testemunho a vinda das palavras
sobre a sensibilidade. Acontecimento
cruel onde revejo a balança do destino.

XXIX

A felicidade como fim a atingir. Sempre.
Mesmo consciente da desmedida displacentada,
mesmo se os tempos o não permitem.

Tenho um nó. Acerada sensibilidade do olhar
que perfaz todos os sentidos, despertos ou não.

Levanto-me e sigo. Saúdo os conhecidos,
afago os cabelos da outra carne, murmuro
palavras cheias de magia. Minto se preciso.

Trabalho. Cumpro horários inóspitos,
calcorreio a cidade entregue ao presságio
da pressa, fujo da azáfama que transpira
angústia e pobreza. O sol está no azul.

Vem do norte o vento. Sopra com força
nas ruas porcas e envelhecidas, cheiros
de comida em toda a parte, caras vazias
de homens suspeitadamente criminosos.

Os jornais dizem as ignomínias diárias.
Para isso servem. Aquele presidente dirige,
essoutro chefe comanda, o povo obedece,
a polícia está atenta aos crimes dos pequenos.

Alguém vive a felicidade que procuro.
Talvez plasmada às fachadas desordeiras,
talvez num escaninho anímico.
Finjo que me inebrio no roldão do mundo.

XXX

Espero sinceramente desmerecer a poesia.
A nossa, dos nossos dias. Escrevo o desgaste
das poéticas actuais, aufero da inteligência
para percorrer o reduto da repetição.

Há um espinho que fere as palavras.
Eis o sangue.
Sulcos de sementes na velhice
do ocidente sem auroras.

Dissimulo o verbo infeliz. Mas a argúcia
é mais uma convenção humana.
Traço com alarde o círculo do pavor
em torno da chaga anquilosada.

Evito o que escrevo. Cada poema diz
à sua maneira a impossibilidade do sonho
realizado na trama do real medíocre.

Outros homens comandam os povos.
Bandos de facínoras nascidos nas cidades,
estudantes das leis e da legalidade.

Mas a palavra livre sugere a luz.
A outra dimensão.
A paz dos acontecimentos sublimes.
O desejo de mudança.

Acabo este poema onde a vida começa:
no húmido vagido da meditação:
um sopro genesíaco, o prazer da acção.

UM POEMA

Só mais um poema. Para dizer o desgosto.
Leio com desprezo o que escrevi.
Diria que sou louco.
As mesmas palavras soturnamente
desfloradas pela boca que as repete.
Estranha obsessão,
a vida.

Quis traduzir o real. Falhei. Nos papéis
sinto a mímica suada dos tiques poéticos
que acalento. Sinto-me um proscrito da arte
e assumo a mediocridade.

Nem a sensibilidade é inteligente.
Mas que digo?
Porquê esse verso, esse desencanto?
Há tanto para dizer
e não consigo sair do labirinto azedo.

Só a vida me pode valer.
O sangue que simboliza o ardor da carne
sacrificada à produção de engodos
dirá um dia com que substância criei
os meus poemas.
Será talvez tarde demais.
É pena!

LISBOA